

# CONVERGÊNCIA

MAIO - 2001 - ANO XXXVI - N. 342

ISSN 0010-8162

- A Igreja, os Pobres e o Sistema de Globalização Neoliberal
- Questões Éticas da Vida Religiosa Atual
- O Discipulado Cristão e a Formação
- Que Vida Comunitária surgirá da Refundação?



# SUMARIO

Editorial .....	193
Palavra do Papa .....	197
Informe CRB .....	200
Artigos .....	203
A Igreja que opta pelos Pobres e contra o Sistema de Globalização Neoliberal.....	203
<i>Pablo Richard</i>	
Questões Éticas da Vida Consagrada Atual .....	215
<i>Frei Bernardino Leers, ofm</i>	
O Discipulado Cristão no Processo Formativo da Vida Religiosa .....	228
<i>Pe. Jaldemir Vitória, sj</i>	
Que Vida Comunitária surgirá da Refundação? .....	250
<i>Maria Carmelita de Freitas, fi</i>	

Capa: "A Samaritana", escultura em madeira de Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho), entre 1781 e 1783, no púlpito da epístola na Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo, em Sabará (MG). Foto de Marcelo Pinheiro.

## ASSINATURA PARA 2001:

**BRASIL:** Terrestre ou aérea ..... R\$ 75,00

Número avulso ..... R\$ 7,50 ou US\$ 8,50

**EXTERIOR:** Terrestre ou aérea ..... US\$ 85,00  
ou o correspondente em .... R\$ (Reais).

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*



## convergência

Revista Mensal da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB

ISSN 0010-8162

### DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

### REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

**Coordenadora:**

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

### Conselho editorial:

Ir. Romi Auth, FSP

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitória, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

### DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

Tel.: (0\*\*21) 240-7299

e-mail: crb006@ibm.net

### DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP

Tel.: (0\*\*11) 6914-1922

e-mail: loyola@loyola.com.br

## Um Símbolo no Mundo de Hoje

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FJ

**N**o dia 21 de março deste ano, faleceu Anna Eneonoja, jovem mulher nigeriana, vitimada pela AIDS. O caso não passaria de um a mais na terrível rotina instalada pelo avanço da doença em nível mundial, principalmente em nível de Terceiro Mundo, si não fossem as circunstâncias que cercaram os últimos meses de vida de Anna, e que lhe deram o caráter de um acontecimento-símbolo.

Prostituta nas ruas de Roma, sob o domínio de uma rede internacional de tráfico de mulheres, Anna contraiu AIDS. Sozinha e abandonada, encontrou acolhida numa "comunidade" da Organização João XXIII, dirigida pelo sacerdote italiano Oreste Benzi. No Jubileu dos marginalizados, no dia 24 de maio de 2000, juntamente com outros membros da comunidade João XXIII, Anna teve ocasião de cumprimentar o Papa e manter com ele um curto e emocionante diálogo, em que lhe suplicou que salve as mulheres da prostituição e da rua. Em meio a copioso pranto, lhe disse: "Somos escravas em busca de liberdade". As câmaras da televisão "imortalizaram" aquele momento dramático. A foto da nigeriana aidética, sem nome, sem identidade, sob o pseudônimo de Miriam, foi transmitida pela mídia de todo o mundo e se converteu em imagem-símbolo do Jubileu dos excluídos. Hoje, depois de sua morte e conhecida sua identidade, a imagem de Anna Eneonoja, ajoelhada diante do Papa, pode ser considerada, também, símbolo de uma Igreja que busca se converter precisamente a partir do grito dos excluídos.

Efetivamente, e quase sem pretendê-lo, Anna passa de "excluída" a membro de uma comunidade cristã; de vítima, a "juiz" de seus opressores; de escrava, a "libertadora" de suas companheiras de opressão; de silenciada, a porta-voz, diante do Papa e do mundo, de todos os excluídos e excluídas; de mulher que não conta, a profeta de seu povo, sinal de esperança e resistência.

Ser sensível, no mundo de hoje, a esse tipo de sinal, a essas manifestações do Espírito, é para a Vida Religiosa um graça e uma urgência. São muitas as situações-limite da vida humana que a mulher aidética nigeriana personifica. São muitas as exclusões que encontram nela um símbolo. Deixar-se interpelar pelo Espírito aí, fazer-se presença solidária e ativa nessas situações, constitui, sem dúvida, uma forma de ser fiéis ao seguimento de Jesus hoje, e de dar continuidade à opção pelos pobres, no mundo excluído do capitalismo neoliberal.

CONVERGÊNCIA de maio leva aos leitores textos que buscam alimentar seu compromisso com o Reino de Deus, nessa difícil encruzilhada histórica em que se encontra a humanidade.

**P<sup>o</sup>. Pablo Richard**, no seu artigo — *“A Igreja que opta pelos pobres e contra o sistema da globalização neoliberal”* — apresenta uma excelente reflexão sobre o sentido e o alcance da opção pelos pobres dentro da sociedade capitalista neoliberal. Para ele, “a situação do pobre, neste mundo de economia de livre mercado e de globalização neoliberal, faz com que a opção preferencial pelos pobres não só continue sendo tremendamente atual, mas, também, se torne muito mais radical que antes, pois a Igreja, agora, faz uma opção preferencial justamente por aqueles que o sistema exclui”.

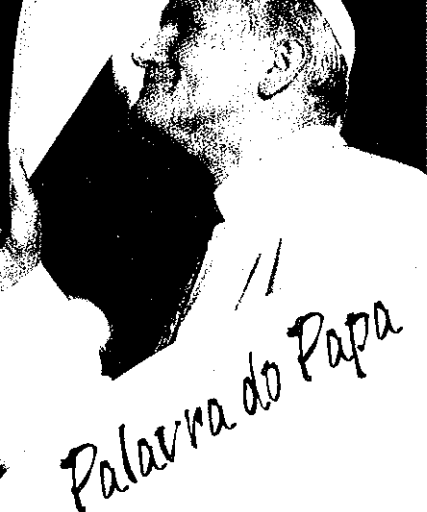
O artigo de **Fr. Bernardino Leers** — *“Questões éticas da vida consagrada atual”* — versa sobre questões concretas e práticas que passaram a fazer parte do cotidiano das comunidades religiosas, situadas na sociedade neoliberal consumista e excludente de hoje. O autor lança perguntas que pedem uma boa dose de humildade e de coragem evangélica para ser respondidas com sinceridade, sem subterfúgios. “Pode-se afirmar que os religiosos são extraterrestres, que se situam mentalmente fora do mundo vivido pelos pobres e excluídos? Circulando com segurança dentro de suas próprias empresas e obras, será que os religiosos se sentem identificados com os pobres”? A dimensão ética das novas situações postas à Vida Religiosa pela sociedade capitalista neoliberal é um fato evidente e desafiador e que não se pode ignorar por mais tempo.

*“O discipulado cristão no processo formativo da Vida Religiosa”* — do **P<sup>o</sup>. Jaldemir Vítório, SJ**, — é um excelente texto, claro, inspirado e “provocador”. Com seu artigo, o autor pretende “retomar o atual Objetivo Geral e as Linhas Inspiradoras da ação da CRB, no intuito de apontar caminhos de enraizamento de nossa Vida de Religiosos/as na mística evangélica, com todas as suas conseqüências em termos de presença solidária junto ao pobres e de compromisso de transformação social, em vista do Reino”. Ficam muito claras no texto a importância capital do tema bíblico do segui-

mento na formação e as exigências com as quais os religiosos/as se defrontam hoje, no seu anseio de viver sua condição de discípulos/as. Em tempos de Refundação, o texto tem uma particular atualidade e é extremamente apto a iluminar religiosos/as nas suas buscas e discernimentos.

*“Que vida comunitária surgirá da refundação?”* — de **Maria Carmelita de Freitas** — é um artigo que busca suscitar a reflexão de religiosos e religiosas sobre um dos eixos fundamentais da sua vocação, ou seja, a comunidade. Elaborado no horizonte atual da refundação, o texto procura abrir perspectivas para a construção e a vivência de uma comunidade mais conforme com os ideais do Evangelho, onde os valores do Reino tenham, de fato, prioridade. “Trata-se de perscrutar os sinais dos tempos para captar com olhos e coração humildes para onde o Espírito conduz a Vida Religiosa nesta virada de milênio”.

Às vezes o mundo dos mass media pode parecer indiferente e até mesmo hostil à fé e à moral cristãs. É assim em parte porque a cultura dos meios de comunicação está imbuída de maneira tão profunda de um sentido tipicamente pós-moderno, que a única verdade absoluta é aquela segundo a qual não existem verdades absolutas ou que, se elas existissem, seriam inacessíveis à razão humana e portanto se tornariam irrelevantes. Desta forma, o que importa não é a verdade, mas a «história»; se algo é digno de notícia ou divertido, a tentação de deixar de parte as considerações da verdade torna-se quase irresistível.



Palavra do Papa

## **“Anunciai-o de Cima dos Telhados”: o Evangelho na Era da Comunicação Global**

**MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 34º DIA MUNDIAL  
DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS — 27 MAIO 2001**

1. O tema que escolhi para o Dia Mundial das Comunicações de 2001 reflete as palavras do próprio Jesus. Não podia ser de outra forma, dado que é Jesus mesmo que anunciamos. Recordamos as suas palavras aos seus primeiros discípulos: «O que vos digo na escuridão, repito-o à luz do dia, e o que escutais em segredo, proclamai-o sobre os telhados» (*Mt 10,27*). No segredo do nosso coração, escutamos a verdade de Jesus; agora, devemos proclamar esta verdade sobre os telhados.

No mundo moderno, os telhados são quase sempre caracterizados por uma floresta de transmissores e de antenas que enviam e recebem mensagens de todos os tipos, para e dos quatro recantos da terra. É vitalmente importante assegurar que entre estas inúmeras mensagens a palavra de Deus seja escutada. Proclamar hoje a fé sobre os telhados significa anunciar a palavra de Jesus no e através do mundo dinâmico das comunicações.

2. Em todas as culturas e em todos os tempos — certamente no meio das transformações globais de hoje — as pessoas apresentam os mesmos interrogativos acerca do significado da vida: Quem sou eu? De onde venho e aonde vou? Onde está o mal? O que é que existe depois desta vida? (cf. *Fides et ratio*, 1). E em cada época a Igreja oferece a única resposta que, em última análise, satisfaz as profundas interrogações do coração humano — o próprio Jesus Cristo, que «manifesta perfeitamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sublimidade da sua vocação» (*Gaudium et spes*, 22). Por conseguinte, a voz dos cristãos nunca pode silenciar, uma vez que o Senhor nos confiou a palavra da salvação, à qual cada coração aspira. O Evangelho oferece a pérola inestimável que todos nós estamos a procurar (cf. *Mt 13,45-46*).

Portanto, a Igreja não pode deixar de estar cada vez mais profundamente comprometida no nascente mundo das comunicações. A rede global das comunicações está a crescer e a tornar-se cada vez mais complexa, e os *mass media* têm um efeito sempre mais visível sobre a cultura e a sua transmissão. Enquanto outrora eram os *mass media* que apresentavam os eventos, agora os acontecimentos são com frequência modelados a fim de corresponder aos requisitos dos meios de comunicação. Assim, a relação entre a realidade e os *mass media* tornou-se mais complicada, e este é um fenómeno profundamente ambivalente. Por um lado, ele pode matizar a distinção entre verdade e ilusão; mas, por outro, pode criar oportunidades sem precedentes para tornar a verdade mais vastamente acessível a um maior número de pessoas. A tarefa da Igreja consiste em assegurar que é a segunda eventualidade que realmente se verifica.

3. Às vezes o mundo dos *mass media* pode parecer indiferente e até mesmo hostil à fé e à moral cristãs. É assim em parte porque a cultura dos meios de comunicação está imbuída de maneira tão profunda de um sentido tipicamente pós-moderno, que a única verdade absoluta é aquela segundo a qual não existem verdades absolutas ou que, se elas existissem, seriam inacessíveis à razão humana e portanto se tornariam irrelevantes. Desta forma, o que importa não é a verdade, mas a «história»; se algo é digno de notícia ou divertido, a tentação de deixar de parte as considerações da verdade torna-se quase irresistível. Por conseguinte, às vezes o mundo dos *mass media* pode parecer um ambiente não mais amistoso para a evangelização do que o mundo pagão do tempo dos Apóstolos. Mas do mesmo modo que as primeiras testemunhas da Boa Nova não se retiraram quando se encontraram diante de oposições, assim também os seguidores de Cristo não o deviam fazer hoje. O brado de São Paulo ainda ecoa entre nós: «*Ai de mim se eu não evangelizar!*» (1Cor 9,16).

Contudo, por mais que o mundo dos *mass media* possa, às vezes, parecer separado da mensagem cristã, ele também oferece oportunidades singulares para a proclamação da verdade salvífica de Cristo à inteira família humana. Considerem-se, por exemplo, as transmissões satelitares das cerimônias religiosas que com frequência atingem um auditório global, ou as capacidades positivas da *Internet* de transmitir informações religiosas e ensinamentos para além de todas as barreiras e fronteiras. Um auditório tão vasto estaria além das imaginações mais ousadas daqueles que anunciaram o Evangelho antes de nós. Portanto, no nosso tempo é necessário que a Igreja se empenhe de maneira ativa e criativa nos *mass media*. Os católicos não deveriam ter medo de abrir as portas da comunicação social a Cristo, de tal forma que a sua Boa Nova possa ser ouvida sobre os telhados do mundo!

4. No início deste novo milênio é também vital considerarmos a missão *ad gentes*, que Cristo confiou à Igreja. Julga-se que dois terços dos seis bilhões de habitantes do mundo não conhecem Jesus Cristo em qualquer sentido real; e muitas deles vivem em países de antigas raízes cristãs, em que inteiros grupos de batizados perderam o sentido vivo da fé, ou já não se consideram membros da Igreja e vivem a própria vida distante do Senhor e do seu Evangelho (cf. *Redemptoris missio*, 33). Sem dúvida, uma resposta efetiva a esta situação compromete não só os meios de comunicação; contudo, ao lutarem para enfrentar este desafio, os cristãos não podem absolutamente ignorar o mundo das comunicações sociais. Com efeito, os *mass media* de todos os tipos podem desempenhar um papel essencial na evangelização direta e na transmissão aos povos das verdades e dos valores que salvaguardam e enobrecem a dignidade humana. A presença da Igreja nos *mass media* é efetivamente um importante aspecto da inculturação do Evangelho, exigida pela nova evangelização, para a qual o Espírito Santo está a exortar a Igreja no mundo inteiro.

Enquanto toda a Igreja procura prestar atenção ao chamamento do Espírito, os comunicadores cristãos têm «uma tarefa profética, uma vocação: falar contra os falsos deuses e ídolos do nosso tempo — materialismo, hedonismo, nacionalismo exasperado, etc...» (*Ética nas Comunicações*, n. 31). Sobretudo, eles têm o dever e o privilégio de declarar a verdade — a verdade gloriosa acerca da vida humana e do destino do homem, revelado no Verbo que se fez homem. Oxalá os católicos comprometidos no mundo das comunicações sociais anunciem a verdade de Jesus cada vez mais corajosa e impavidamente sobre os telhados, de tal maneira que todos os homens e mulheres possam ouvir falar do amor que está na auto-comunicação de Deus em Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e para toda a eternidade (cf. *Hb* 13, 8).

Vaticano, 24 de Janeiro de 2001  
Solenidade de São Francisco de Sales

*Joannes Paulus II*





**INEORME CRB**

## **Junta Diretiva da CLAR**

**SANTIAGO DO CHILE  
07-10 DE MARÇO DE 2001**

Nós, presidentes e secretários/as, representando os religiosos e religiosas da América Latina e do Caribe, nos reunimos no Chile para viver um encontro fraterno de reflexão e aprofundamento sobre a caminhada da Vida Religiosa em nossos países, "Pelo caminho de Emaús".

Dando continuidade à Assembléia da CLAR, celebrada em Caracas, Venezuela, em junho de 2000, sentimo-nos animados/as a continuar percorrendo caminhos de refundação com novos impulsos, e um desejo constante de configurar, em fidelidade criativa a nossos carismas, uma Vida Religiosa que, por sua inspiração evangélica, seja mais significativa para a Igreja e o mundo de hoje.

Queremos caminhar juntos/as, como Vida Religiosa latino-americana e caribenha:

- tentando testemunhar, com a palavra e com a vida, a radicalidade do seguimento de Jesus,
- partilhando a riqueza de nossas diferentes culturas e enriquecendo-nos com a diversidade,
- descobrindo juntos/as os desafios de um mundo com novos paradigmas que pede expressões e respostas proféticas para o homem e a mulher de hoje,

- entrando no novo milênio animados/as pelas palavras de João Paulo II, e entusiasmados/as para ir em alto mar e lançar as redes, confiantes no chamado de Jesus: “Vá mar adentro”.

Escutamos com esperança e sonho o processo de sensibilização acontecido até agora entre nossos irmãos/irmãs religiosos/as que fazem caminho acompanhados/as por Jesus, deixando que sua Palavra ilumine nossas experiências, e que nosso coração se acenda cada vez que o reconhecemos na fração do pão.

Aprofundando as cinco Linhas Inspiradoras da CLAR, desejamos fazer este caminho comum com atitude contemplativa, com humildade e espírito eclesial, em união com nossos Pastores e irmãos/ãs leigos/as, contemplando Jesus a partir de nossos/as fundadores e fundadoras, voltando às raízes de nossos carismas.

Três grandes etapas, com suas respectivas fichas, caracterizarão esta caminhada conjunta de toda a Vida Religiosa latino-americana e caribenha:

- a memória a partir do presente,
- os desafios do contexto latino-americano e caribenho,
- as projeções e perspectivas de refundação.

A partir da releitura do texto de Lucas 24,13-35, trabalharemos essas etapas com um esquema metodológico geral, primeiro pessoalmente e, depois, comunitariamente, suscitando nos corações atitudes de interiorização, oração e reflexão. Queremos fazer juntos/as uma experiência espiritual que se encarne em nossas realidades concretas, transforme nossas vidas, renove e refunde nossas congregações, e nos impulsione a dar respostas significativas para a Igreja e o mundo de hoje. Um caminho com todas e todos, um caminho orante-contemplativo-envolvente.

Como “comunidade-CLAR”, realizamos a experiência fraterna de viver a Ficha 1 da primeira etapa: “A ousadia do sonho”, *‘conversavam a respeito de tudo o que tinha acontecido’* (v 14), caminhando felizes e com esperança ao constatar as luzes e sombras de nossas realidades pessoais, congregacionais, nacionais.

Dedicamos uma tarde para conhecer diversas experiências proféticas vividas pela Vida Religiosa ou pelo povo que procura, no Chile, paz e reconciliação com a verdade: atenção aos aidéticos, acompanhamento de dependentes químicos ou jovens com problemas, presença em assentamentos irregulares, clínica psiquiátrica, o Parque da Paz ou Vila Grimaldi, memorial presente de um trágico passado. São espaços onde se quer viver uma renovada opção preferencial por nossos irmãos e irmãs pobres, despojados/as e excluídos/as.

Durante todo o encontro, Mons. Ricardo Ezzati, bispo de Valdivia, Chile, e membro do DEVIC-CELAM, nos acompanhou. Também tivemos a visita do Núncio apostólico, Mons. Luigi Ventura. Ambos valorizaram a contribuição da Vida Religiosa para a América Latina e Caribe.

Não nos faltou a visão de um especialista sobre a conjuntura econômica, política, social e cultural em que vive esta nação que nos acolheu; os cenários que aparecem no futuro imediato do país, o papel importante da Igreja nesses momentos de transição e os espaços que se abrem para as contribuições da Vida Religiosa.

Nosso encontro com a Vida Religiosa chilena foi particularmente comovedor. Primeiro, visitamos as instalações da Conferência de Religiosos do Chile (CONFERRE), e, depois, na Igreja de Santo Inácio, celebramos a Eucaristia presidida pelo cardeal Francisco Javier Errázuriz, acompanhados de numerosos religiosos e religiosas. Um ato cultural nos permitiu penetrar nas raízes do folclore chileno, e partilhamos, também, o testemunho vivo e musical de familiares dos presos desaparecidos que continuam de pé na luta pela verdade e justiça.

Estiveram presentes em nossa reunião: o pe. Eusebio Hernández, OAR, representante do cardeal Eduardo Martínez Somalo, Prefeito da Congregação para os Institutos de vida consagrada e Sociedades de vida apostólica; a irmã Susana Echeverri, Secretária executiva do DEVI-CELAM, e o pe. Michel Coté, da Conferência dos Religiosos do Canadá.

Agradecemos, de coração, a acolhida fraterna e carinhosa de nossos irmãos religiosos e religiosas do Chile, assim como de sua Diretoria Nacional; suas inumeráveis manifestações de bondade, delicadas atenções e preocupações para que nos sentíssemos em casa durante esses dias.

Com Maria, Virgem do Carmo, Mãe e Padroeira dessas terra chilenas, que continua visitando nossos povos, desejamos crescer em abertura e disponibilidade ao Espírito para transitar “pelo caminho de Emaús” como Vida Religiosa latino-americana e caribenha, procurando refundar nossos carismas e ser significativos/as para nossos irmãos e irmãs.

Santiago do Chile, 10 de março de 2001.

# *A Igreja que vota pelos Pobres e contra* **A Igreja que opta pelos Pobres e contra** *o Sistema de Globalização Neoliberal* **o Sistema de Globalização Neoliberal**

PABLO RICHARD

## **1. A SITUAÇÃO DO POBRE NO ATUAL SISTEMA DE GLOBALIZAÇÃO**

No atual sistema de globalização neoliberal, a situação do pobre mudou em muitos aspectos. Em **primeiro** lugar, há mais pobres do que antes. No sistema atual de economia de livre mercado, o número de pobres se multiplicou. Em **segundo** lugar, o pobre, além de ser pobre, é um excluído. De alguma forma, no passado, o pobre era necessário como força de trabalho ou como consumidor. A morte do pobre afetava o sistema. Hoje, os pobres não contam nem como mão-de-obra nem como consumidores. São, literalmente, sobrantes e descartáveis. Sua morte, além de não afetar o sistema, em certo sentido, lhe é favorável. Não é mais racional investir neles: nem em educação nem em saúde. São facilmente liquidados. Em **terceiro** lugar, o silêncio dos excluídos chama a atenção. Permanecem distantes, não existem, vivem na obscuridade e no silêncio da história. Em **quarto** lugar, as causas da exclusão se diversificaram: não só por causas econômicas ou de classe social, mas, também, por causa

de gênero (as mulheres), de raça ou cor (índios e afro-americanos), de geração (crianças e jovens), ou excluídos por outras razões (incapacitados, homossexuais e outros que adotam um estilo de vida não aceito pela sociedade). Em **quinto** lugar, o grito do pobre se une ao grito da terra. A destruição do meio ambiente atinge especialmente o pobre, e sua sobrevivência atinge, também, o meio ambiente. Isto se evidencia nos terremotos e furacões: a destruição da natureza fere especialmente os pobres (no terremoto recente de El Salvador, uma montanha desflorestada caiu sobre uma população que ali se encontrava por não ter outro lugar para viver).

A exclusão social e a destruição da natureza são as duas brechas mais profundas do atual sistema de economia global de mercado. O "banquete neoliberal" é maravilhoso, no entanto, nem todos são convidados. Além disso, o "desenvolvimento" é alienante e hostil à nossa mãe terra. Cada dia se torna mais profunda a fenda entre incluídos

e excluídos, vinculados e desvinculados. Somente algumas cifras para tornar mais visível essa situação. As estatísticas demonstram que a exclusão total atinge 35% da humanidade, e 80% sofrem de algum tipo de exclusão. Os 20% mais ricos da humanidade concentram 82.7% do investimento mundial, e 96% da investigação e produção de conhecimentos. Os 225 indivíduos mais ricos do mundo possuem uma riqueza acumulada equivalente aos investimentos dos 47% mais pobres de todo o mundo.

Bilhões de pessoas ainda ganham um dólar diário. Existem, atualmente, 599 milhões de jovens desempregados. Os europeus e norte-americanos gastam 17 bilhões de dólares em comida para animais, quando se precisa de 13 bilhões para solucionar o problema de saúde e nutrição dos mais pobres. Os gastos militares do mundo são equivalentes aos 45% do investimento per capita da humanidade. As cifras sobre a destruição da natureza são igualmente aterradoras.<sup>1</sup>

## 2. RADICALIZAÇÃO DA OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

A situação do pobre, neste mundo de economia de livre mercado e de globalização neoliberal, faz com que a opção preferencial pelos pobres não só continue sendo tremendamente atual, mas, também, se torne muito mais radical que antes, pois a Igreja, agora, faz uma opção preferencial **justamente por aqueles que o sistema exclui**. Pela opção preferencial pelos **excluídos**, a Igreja assume uma racionalidade radicalmente contraditória com a 'racionalidade' **excludente** do sistema. Para a fé cristã, a vida é um direito absoluto e universal. Somente Deus e a Vida (humana e cósmica) são absolutos. Um cristão só pode aceitar uma sociedade onde se encontrem todos e todas, e em harmonia com a natureza. A exclusão e a destruição da natureza contradizem profundamente a racionalidade huma-

na e cristã. Além disso, a vida de todos e a integridade da natureza é um critério ético absoluto para discernir a legitimidade de um sistema econômico, político e social. A vida humana, de que fazemos referência, não é somente um valor ou uma idéia abstrata, mas uma realidade concreta: terra, trabalho, saúde, moradia, educação, participação, meio ambiente, descanso e festa. Vida para todos significa satisfazer a essas necessidades básicas de todos e todas.

A opção preferencial pelos excluídos e pela integridade da natureza gera, na Igreja, uma consciência mais lúcida do caráter absoluto e universal da vida humana e cósmica, e uma consciência igualmente lúcida da ilegitimidade de um sistema excludente e destruidor da natureza. Optar por uma sociedade, on-

1. Veja-se o "Relatório sobre o Desenvolvimento Humano" publicado anualmente pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

de estejam todos e todas, e onde se respeite a integridade do cosmos, é entrar numa contradição frontal com o sistema dominante atual. A opção preferencial pelos pobres, no atual sistema de globalização, não pode ser, portanto, uma opção somente intelectual ou sentimental, mas implica uma confrontação racional, ética e espiritual global

com a 'racionalidade' e 'ética' do sistema dominante. Para o atual sistema, optar pelos excluídos é uma irracionalidade e uma atitude humanamente equivocada, ainda mais: é uma opção subversiva e perigosa. Para o sistema, o mais lógico e racional é optar pelo mercado e seus valores de eficiência e ganância, enfim, optar pelos ricos.

### 3. DIMENSÃO TEOLÓGICA E ESPIRITUAL DA OPÇÃO PELOS POBRES

A opção preferencial pelos pobres exige uma sociedade em que haja 'vida para todos' e onde 'todos e todas estejam', e institui, assim, o critério ético para discernir a ilegitimidade de um sistema excludente e hostil à natureza. Pois bem, à luz da fé, a opção pelos pobres descobre, também, nessa lógica ou racionalidade de vida para todos, o Deus da Vida contrário aos ídolos da morte. Portanto, a opção preferencial pelos pobres, além de afirmar uma racionalidade contrária ao sistema excludente atual, é uma opção em que se realiza radicalmente, nosso encontro com o Deus da Vida e a construção do Reino de Deus. Se aceitamos a exclusão humana e a destruição da natureza, rejeitamos a possibilidade de nos encontrar com o Deus da Vida. A opção pelos pobres, além disso, não somente nos confronta com a racionalidade econômica do sistema, como também com a idolatria e toda a perversão 'ética' e 'espiritual' do mesmo sistema.

Santo Irineu, de Lyon, afirmava isso de forma densa e maravilhosa: "*Gloria Dei vivens homo, Gloria autem hominis*

*visio Dei*" (Adv. Haer. IV, 20, 7). Traduzindo: "A Glória de Deus é o ser humano vivo; a Glória do ser humano, a visão de Deus". Dom Romero gostava de parafrasear esse ditado afirmando: "*Gloria Dei vivens pauper*" = "A Glória de Deus é o pobre vivo". Nesse contexto, a Glória de Deus não é a glória externa que tributamos a Deus, mas a essência mesma de Deus. Em hebraico, a Glória de Deus é o "*kabod*" de Deus, isto é, a gravidade de Deus, seu mistério e identidade mais íntima. Esse mistério de Deus se revela no ser humano vivo. A Glória de Deus significa que todos os seres humanos tenham vida, que exista uma sociedade onde caibam todos e todas, mas, também, proclamamos que o ser humano vivo deve buscar sua Glória ou realização transcendente na visão de Deus.

A economia de livre mercado e o sistema de globalização neoliberal não só é **ilegítimo**, como também **idolátrico**. O tema da idolatria foi muito trabalhado na Teologia da Libertação. Dissemos que, na América Latina, o problema não é o ateísmo, mas a idolatria,

tanto a **idolatria por perversão**, quando se deturpa o sentido de Deus, como a **idolatria por substituição**, quando se substitui Deus por outros deuses. O problema não é se Deus existe ou não, senão onde está Deus, como é Deus, com quem Deus está, contra quem Deus está e quais os deuses que substituíram Deus. O problema não é o ateísmo dos revolucionários, mas a idolatria dos opressores.<sup>2</sup> O sistema atual de economia global é idolátrico quando se considera, ele mesmo, um absoluto acima da vida humana. Quando o mercado, como um 'deus', decide sobre a vida e a morte da humanidade. A lei do mercado, a lei dos contratos e a lei da propriedade privada se convertem em lei absoluta acima da vida humana. Por isso, a cobrança da dívida externa aparece como um imperativo absoluto e divino, ainda que o pagamento da dívida signifique a morte de milhões de pessoas no Terceiro Mundo. O mercado, com sua tecnologia integrada, aparece como um messias divino que promete a solução de todos os problemas da humanidade, inclusive a morte. Os problemas do mercado, dizem, se solucionam com mais mercado. A única coisa que nos exigem é **ter fé** no mercado e na tecnologia. O mercado, assim, perverte o sentido do Deus da Vida. Na nossa visão, somente a vida humana é um absoluto e a lei é relativa e tem sentido quando está a serviço da vida. *"O Sábado foi feito para servir o ser humano, e não o ser humano para servir*

*o Sábado. Portanto, o ser humano é Senhor também do Sábado"* (Jesus, em Marcos 2, 27-28). O Sábado, a Lei mais sagrada para os judeus, foi instituído por causa da vida do ser humano, que, para Jesus, era um absoluto muito acima da lei. Toda lei pode e deve ser violada, inclusive a lei econômica e mercantil, quando está em jogo a vida da humanidade. Somente um sistema idolátrico pode exigir o cumprimento de uma lei, ao preço do sacrifício de milhões e, quem sabe, bilhões de seres humanos.

O sistema do livre mercado não somente é idolátrico porque perverte o sentido de Deus, mas também porque substitui Deus por outros deuses: as coisas se transformam em sujeitos e os sujeitos em coisas. As mercadorias, o dinheiro, o capital, o mercado, a tecnologia, atuam como sujeitos (tomam-se feitiços, se subjetivam), e os sujeitos humanos se transformam em coisas. A consequência é a coisificação e aniquilação do sujeito humano. Uma atitude humana anti-idolátrica, e que acredita, exige de nós reconstruir o ser humano como sujeito, em suas dimensões corporal, subjetiva e comunitária. São Paulo diria: um Sujeito livre da Lei, orientado pelo Espírito para a Vida plena. Liberdade, Espírito e Vida são os constitutivos da fé anti-idolátrica do sujeito humano. Se a lei se torna um absoluto, o Pecado e a Carne adquirem vida, e orientam o ser humano para a Morte.

2. Veja-se meu artigo "Teologia na Teologia da Libertação", publicado em **"Mysterium Liberationis**. Conceitos fundamentais da Teologia da Libertação", Madri (Editorial Trotta) 1990. Igualmente importante o livro: **"A luta dos deuses**. Os ídolos da opressão e a busca do Deus Libertador", São Paulo (Paulinas) 1982.

A idolatria do mercado, em todas as suas formas, não é inocente, já que permite oprimir, excluir e destruir com boa consciência e sem limites. Se o mercado é Deus, e todos os seus atores são deuses, então, os excluídos podem ser sacrificados sem limites e com boa consciência. Nesse sentido, a opção pre-

ferencial pelos pobres e excluídos é uma opção radicalmente anti-idolátrica, que torna socialmente visível o Deus da Vida na vida dos pobres e excluídos. Esta opção anti-idolátrica e pelo Deus da Vida impede o sacrifício dos excluídos e da natureza, e salva suas vidas.

#### 4. A OPÇÃO PELOS POBRES E BUSCA DE ALTERNATIVAS

Não basta ouvir o grito dos pobres e o grito da terra. Não é suficiente defender a vida de todos e todas e a vida da natureza. Também não é suficiente dar um testemunho profético, ético e anti-idolátrico em favor da vida. Tudo isso é necessário, é tarefa permanente. Hoje, é urgente **reconstruir a esperança e propor alternativas**. As palavras-chave, hoje em dia, entre os pobres, são ESPERANÇA e ALTERNATIVAS. É urgente passar do protesto para a proposta. A opção preferencial pelos pobres deve nos cumular de Espírito e Liberdade na busca de alternativas concretas e acreditáveis para os pobres e excluídos. A opção pelos pobres que a Igreja faz, só tem sentido num horizonte concreto de esperança, em que apareça a possibilidade de uma sociedade sem exclusão e sem destruição da natureza. A possibilidade de uma sociedade alternativa, no passado, estava relacionada com o que chamávamos 'socialismo'. O socialismo, com todas as suas ambigüidades, era para nós o pós-capitalismo. A construção de uma sociedade alternativa era vista como consequência de um triunfo revolucionário de campo-

neses, operários e dos pobres em geral, e esse triunfo era considerado, de verdade, procedente e possível. Tudo isso acabou violentamente.

Na confrontação do capitalismo com o socialismo, o novo modelo capitalista de economia de livre mercado e de globalização neoliberal, apresentou duas vitórias: a **primeira** foi a derrota dos socialismos históricos, cujo símbolo foi a queda do muro de Berlim. A **segunda**, ainda não conquistada, é destruir toda esperança de uma alternativa possível e posterior ao capitalismo, destruir toda resistência ao sistema e toda luta de libertação. Para alcançar essa vitória, o modelo atual de capitalismo se apresenta como irreversível e como o fim da história. Teólogos neoliberais como Michel Camdessus, ex-diretor do FMI, e Michael Novak, afirmam que a organização atual da economia é um instrumento de construção do Reino de Deus, e o modelo mais próximo do Evangelho. Há toda uma corrente de pensamento que tenta reconciliar cristianismo com neoliberalismo, e, neste projeto, se investem milhões de dólares, e centenas



de intelectuais trabalham nas universidades e outras instituições nesse sentido<sup>3</sup>. Identifica-se o mercado com a sociedade civil, em que a Igreja teria um papel moderador, com uma doutrina social **reguladora** somente do modelo atual. Assim, toda possibilidade de construir alternativas ao sistema fica excluída, como também a Igreja de participar nesta construção.

Diz a história que o legendário Pirro, depois de sua grande vitória, declarou: "com **outra** vitória como essa estou perdido"<sup>4</sup>. O sistema também quer ter uma segunda vitória destruindo toda esperança de alternativas e apresentando-se como final, total e irreversível. Quais são as conseqüências dessa segunda vitória para o próprio sistema? Até onde o atual modelo capitalista irá insistir para alcançar essa segunda vitória? Conhece-se o ponto de resistência de uma tábua no momento que ela se quebra. Se o sistema se apresenta como irreversível, sua corrida é suicida, e é impossível dialogar com um suicida quando ele já saltou pela janela. Parece-me que o messianismo histórico de muitos teóricos neoliberais é tremendamente suicida. Dizer que os problemas do mercado se solucionam somente com mais mercado, e que se deve ter uma fé cega no mercado, também me parece irracional e suicida. O sistema final-

mente tem como único inimigo o próprio sistema. Inspirados em Pirro, poderíamos dizer que se o sistema de economia de livre mercado consegue sua segunda vitória, matando toda alternativa, o sistema está perdido. Será o final não só dos pobres, mas de toda a humanidade. Isso faz com que a resistência ao sistema atual e a busca de alternativas seja um problema de vida ou morte para todos.

Uma alternativa ao sistema atual não pode ser pensada como uma reconstrução dos modelos derrotados do passado, mas, também, não pode ser simplesmente uma regulamentação ou humanização do sistema atual, para evitar abusos e excessos, mantendo a lógica neoliberal estrutural do sistema. Essa tendência reguladora aparece no neokeynessianismo em nível global, ou na busca social-cristã de uma 'economia social de mercado'<sup>5</sup> A alternativa tem que ser claramente **pós-capitalista**.

A criação de alternativas é um processo já iniciado nas reuniões internacionais em Seattle, Washington e Praga protestando contra as injustiças e desastres provocados em todo mundo pelos excessos do neoliberalismo. O 'consenso de Washington' já começa a se dividir<sup>6</sup>. De 21 a 30 de janeiro de 2001, realizou-se uma conferência mundial em Porto Alegre, Brasil, onde, além da

3. Veja-se o estudo: "Les nouvelles tables de la loi" na revista **Golias** n° 72, maio-junho 2000, Paris.

4. Cf. Franz J. Hinkelammert: **El grito del Sujeto**, San José (DEI) 1998.

5. Veja-se o excelente artigo de François Houtart: "Las alternativas possíveis del capitalismo mundializado". Em: **Pasos** (DEI) Costa Rica, n° 89, maio junho 2000.

6. Veja-se o livro de Wim Dierckxsens: **Del neoliberalismo al pós-capitalismo**, San José (DEI) 2000.

mera crítica, se procurou a elaboração de um marco teórico e prático que permitisse pensar, com espírito positivo, uma alternativa à globalização neoliberal. Também devemos mencionar os trabalhos do 'Fórum mundial das alternativas', com sede no Senegal, mas com equipes de trabalhos de quase todos os países do mundo<sup>7</sup>. Os próprios teóricos do sistema começam a duvidar do caráter irreversível da economia de livre mercado: "Os contestadores têm razão ao dizer que a questão moral, política e econômica mais urgente, em nossa época, é a pobreza do Terceiro Mundo. E eles têm razão ao dizer que a onda da globalização, por mais poderosos que sejam os seus motores, pode ser combatida. O fato de que essas duas coisas sejam verdadeiras faz com que os contestadores se tornem terrivelmente perigosos, e, de maneira especial, a corrente de opinião pública que simpatiza com eles" (The Economist, 23 de setembro 2000)<sup>8</sup>. Mas, também é certo que alguns querem impor o atual sistema com a lei do mais forte. Thomas Friedman, conselheiro de Madeleine Albright, afirma isso com clareza: "Para que a mundialização funcione, os Estados Unidos não devem temer agir

como a superpotência invencível que, na realidade, ela é. A mão invisível do mercado nunca funcionará sem um punho invisível. McDonald's não pode expandir-se sem McDouglas, o fabricante do F-15"<sup>9</sup>.

Para a Igreja, é importante repensar a opção preferencial pelos pobres nesse contexto de construção de uma alternativa pós-capitalista ao sistema atual de livre mercado, e de globalização neoliberal. Nesta tarefa, não podemos esquecer que a força ética, intelectual e espiritual dos pobres é mais forte que o poder do dinheiro e das armas. A alternativa deve nascer da convergência de todas as lutas atuais de resistência e libertação, ou, como afirma D. Pedro Casaldàliga, deve nascer de uma globalização da solidariedade, de uma globalização alternativa a partir dos pobres, da base, a partir do Sul, do Terceiro Mundo. Na construção de alternativas, o cristianismo deve, também, entrar em diálogo com todas as religiões do Terceiro Mundo<sup>10</sup>. A paz religiosa mundial, construída a partir dos pobres, é mais do que nunca necessária para construir um sistema alternativo mundial onde caibam todos e todas, em harmonia com a natureza.

7. Veja-se a revista "Pasos" (DEI) Costa Rica, nº 76, março-abril, 1998: "Manifiesto Del Foro Internacional de las Alternativas. Es tiempo de revertir Del curso de la historia". O DEI participa ativamente nesse foro.

8. Citado no "Lê Monde Diplomatique", Janeiro 2001, pg. 4 (edição francesa).

9. Citado no artigo de F. Houtart registrado em nota anterior.

10. Veja-se a revista "Alternatives Sud", Volume VII (2000) 1, que dedica todo o número (315 páginas) às Teologias da Libertação nas diferentes religiões do Terceiro Mundo. A revista é editada por CETRI de Louvain La Neuve.

## 5. CONTRIBUIÇÕES CONCRETAS DA IGREJA PARA A CONSTRUÇÃO DE ALTERNATIVAS

Em primeiro lugar, devemos insistir que a construção de alternativas, a partir da opção preferencial pelos pobres, deve levar em conta todas as dimensões da realidade: a dimensão econômica, social e política, mas, também, a dimensão ética, teológica e espiritual. O secularismo moderno não nos serve mais, e muito menos a assim chamada 'pós-modernidade', que nada mais é do que a própria crise da modernidade. Hoje em dia, os economistas e políticos comprometidos com os pobres, entendem perfeitamente que, na construção de alternativas, se faz indispensável a abertura às dimensões éticas e espirituais. Igualmente, os teólogos entendem que essa construção de alternativas deve incluir o conhecimento da economia e da política.

Em segundo lugar, é muito importante valorizar todos os espaços eclesiais possíveis, especialmente os espaços em que o modelo de Igreja que faz uma opção preferencial pelos pobres nos oferece. Em muitos lugares, a Igreja é a única instituição que sobra para os excluídos, e estes confiam na sua Igreja e encontram nela espaços de participação e de vida. A opção preferencial pelos pobres provocou também a opção dos pobres por sua Igreja. O amor aos pobres e o amor à Igreja nos deve levar à reconstrução de um modelo de Igreja que seja realmente sacramento

do Reino de Deus, na atual situação da humanidade.

Na construção de alternativas, tendo presente tudo o que foi dito até o momento, a Igreja e a Teologia trazem uma contribuição específica em diferentes níveis: o da utopia e dos objetivos pertinentes e possíveis a meio prazo. É importante diferenciar esses dois níveis, para não cair nem no utopismo, nem no ativismo estéreis<sup>11</sup>.

### 5.1. Alternativas no nível da utopia

A utopia é significativa para a construção de alternativas se é uma **utopia histórica**. Isto significa duas coisas: que a utopia **orienta a história**, e que a utopia pode **ser antecipada e celebrada** através de experiências parciais no interior de nossa história. A utopia não é uma ilusão, mas um projeto impulsionador da humanidade e do cosmos. Esse caráter histórico da utopia não está em contradição com o caráter escatológico e transcendental de toda utopia. A utopia não é escatológica porque se realiza em outro mundo, mas porque se realiza **além da morte** em nosso mundo. A utopia é transcendental porque rompe todos os limites da morte e da opressão no interior de nossa história. Utopia, literalmente, significa 'sem lugar' (u-topia), isto é, a utopia não se encontra dentro dos limites

11. O presente artigo foi escrito pouco depois de outro para a revista espanhola "Frontera, pastoral misionera". Algumas idéias do primeiro aparecem, também, no artigo que agora escrevemos. Mas, em seu conjunto, são artigos bastante diferentes.

da morte e da opressão, mas, sim, dentro da história, numa ruptura com esses limites e além deles. A utopia é transcendente<sup>12</sup>, não porque exista além de nossa história, mas, sim, além da morte no interior de nossa história.

A utopia cristã por excelência se expressa em imagens como Reino de Deus, criação de Novo Céu e Nova Terra, e a Nova Jerusalém que desce do céu à terra. Como realidades escatológicas são sucessivas e de crescente intensidade: primeiro se realiza o Reino de Deus, logo vem a Nova Criação e, finalmente, a descida da Nova Jerusalém<sup>13</sup>. A Bíblia tem centenas de outras imagens para expressar a utopia. Fala-se de uma terra sem males, de um mundo onde não haverá nem choro nem morte, de uma sociedade sem criminosos nem idólatras, um banquete em que todos e todas são convidados, especialmente os pobres, um casamento, um amor entre esposa e marido, um mundo onde não haverá outro dilúvio, etc. Todas essas imagens são históricas, inclusive, são tremendamente corporais e sensuais. Também a Bíblia formula anti-utopias, como Babilônia, a Besta, o lago de fogo e enxofre, o reino de Satanás, etc. Hoje, para a formulação das utopias, poderíamos utilizar a imagem histórica de uma sociedade onde caibam todos e todas, de uma economia a serviço da vida de todos e todas, uma organização global onde se comprova a satisfação plena das necessidades básicas de toda a humanidade e de

uma economia em harmonia total com a natureza. A utopia não é uma ilusão ou uma pura construção intelectual, mas um projeto histórico, uma lógica real que confronta e deslegitima o sistema atual da economia de livre mercado. A utopia do Reino de Deus tem uma enorme força impulsionadora entre os cristãos, e pode animar com um sentido libertador toda a ética, a espiritualidade e a teologia, e, assim, ter uma influência concreta na prática dos cristãos e das Igrejas, e, por este caminho, inspirar com eficácia a construção de alternativas no interior da sociedade em seus níveis econômicos, sociais e políticos. Nas origens do cristianismo, a utopia do Reino provocou a formação de pequenas comunidades, onde cada um contribuía segundo sua possibilidade, recebia segundo sua necessidade e não havia pobres entre eles (At 2 -5). A utopia do Reino de Deus confrontou os primeiros cristãos com o Império Romano.

## 5.2. Alternativas no nível de projetos a meio prazo

Aqui mencionamos, somente, alguns objetivos e projetos que se referem diretamente à construção de alternativas ao atual sistema de economia de livre mercado, e de globalização neoliberal. Recordamos o que dissemos acima sobre o caráter pós-capitalista das alternativas e sua importância para reconstruir a esperança que dá sentido à resistência, e as lutas concretas dos po-

12. "Transcendente" significa literalmente "existir além de".

13. Veja-se meu livro: "Apocalipsis, Reconstrucción de la Esperanza". San José (DEI) 1999, terceira edição.

bres e excluídos. Aqui damos, somente, alguns exemplos, a fim de, simplesmente, esboçar um quadro histórico, visível e possível, de uma sociedade alternativa.

*No terreno especificamente teológico, espiritual e eclesial*

- A **renovação da Igreja**, especialmente a construção do modelo de Igreja cuja opção preferencial são os pobres e oprimidos. Não há dúvida de que essa renovação da Igreja, especialmente pelo seu caráter universal, incide direta e eficazmente na construção de um mundo alternativo global.
- O fortalecimento das **Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)**, ou movimentos afins, especialmente no mundo dos excluídos. Essas comunidades ou movimentos são espaços privilegiados de participação, expressão e organização dos mais excluídos e silenciados de nossos povos. A Igreja que nasce das CEBs tira os excluídos de sua exclusão e silêncio, e permite que participem na construção da sociedade civil como notícia privilegiada de construção de alternativas ao sistema de globalização.
- A renovação da **Vida Religiosa**, especialmente a inserida no mundo dos pobres, tem a capacidade de gerar uma força ética e espiritual no interior do mundo dos excluídos, mais poderosa que todo o poder político e econômico do sistema de dominação. Também devemos valorizar todo o trabalho dos religiosos entre os pobres no campo da organização popular, da educação

e da saúde, e tantas outras obras sociais. Esse trabalho é libertador, na medida em que responde à busca de alternativas, fora e contra a racionalidade do sistema de dominação.

- A renovação e crescimento da **Teologia da Libertação**, em diálogo com a economia, política e ciências da natureza. Não há dúvida de que uma teologia própria e específica do mundo dos oprimidos e excluídos, a nível de todo o continente latino-americano, e também mundial, fortalecerá eficazmente a busca de alternativas. São especialmente importantes as teologias específicas nascidas no interior dos movimentos sociais de libertação, como a Teologia da Libertação da Mulher, a Teologia Indígena e Afro-americana, a Teologia dos Jovens, a que dialoga com a ecologia e tantas outras. Essas teologias expressam diretamente os sujeitos emergentes no mundo dos excluídos, e, ao mesmo tempo, fazem uma crítica global ao sistema a partir de uma perspectiva e situação concreta e específica.
- Criação de uma **Espiritualidade da Vida e da Libertação**. Hoje, não se realiza nenhuma mudança significativa, e não se constrói nenhuma alternativa, sem uma forte carga de espiritualidade.
- Proclamar, com toda clareza, na ordem econômica e política, a **ética cristã** em relação à lei e à vida. Na tradição cristã, a vida humana é absoluta e a lei é relativa. Como já dissemos, o cumprimento da lei é eticamente bom quando está a serviço da vida (*"O Sábado foi instituído em função do ser*

humano, e não o ser humano em função do Sábado, por isso o ser humano é Senhor do Sábado". Jesus, em Mc 2, 27-28). Quando a lei do mercado, a lei dos contratos, a lei da propriedade privada se transforma em absoluto e se sacrifica a vida humana por causa da lei, então, o cumprimento da lei é imoral. A cobrança da dívida externa, em nome da lei dos contratos, sacrificando milhões de vidas nos países pobres, é um ato eticamente perverso. O resgate da ética da vida é uma contribuição indispensável na construção de alternativas.

- **A Leitura Pastoral da Bíblia**, que entrega a Bíblia ao Povo de Deus, para que cada cristão, em comunidade e com a ajuda da Ciência Bíblica e do Magistério, seja sujeito da interpretação da Palavra de Deus. Nessas condições, o cristão discerne a Palavra de Deus como um sujeito que tem autoridade, legitimidade, autonomia e segurança. Este modelo bíblico contribui, a partir da fé, para a reconstrução do sujeito e da sociedade civil. O movimento bíblico desperta no Povo de Deus toda sua energia ética e espiritual a serviço da vida de todos. A Palavra de Deus orienta eficazmente a Igreja na busca de alternativas de vida.

*No terreno econômico e político, em diálogo com a Igreja e a Teologia*

- A Teologia da Vida e a Ética cristã exigem uma **redefinição da economia** e uma **re-inserção da economia** na sociedade, a serviço da vida de todos e todas, e a serviço de uma sociedade

onde caibam todos e todas, em harmonia com a natureza.

- A Teologia e a Economia se unem, a partir da opção pelos pobres, na **deslegitimação do sistema de globalização neoliberal** que causa a exclusão das maiorias e a destruição da natureza.
- Economia e Teologia denunciam o **caráter absoluto e idolátrico do mercado** em detrimento da vida humana e da natureza. Denuncia-se o caráter 'messiânico' e 'salvífico' do sistema.
- Economia e Teologia se unem na **reconstrução do sujeito humano**, aniquilado em sua corporeidade e subjetividade pelo sistema de livre mercado.
- Economia e Teologia se unem na luta contra o **comércio de armas, de drogas** e de **vidas humanas**. Denunciam o armamentismo, a xenofobia, o racismo e toda forma de fascismo. Denuncia a violência estrutural, a fragmentação e desintegração maciça das relações sociais em geral, e da família e comunidades locais, em especial.
- Em âmbito político, busca-se valorizar e fortalecer a **sociedade civil**, definida a partir da família, da cidadania, das comunidades de base e dos movimentos sociais.
- **Reconstrução da Política** a partir da sociedade civil: de baixo para cima, a partir dos excluídos, construindo novos poderes de base. Rejeição da política tradicional, fundamentada no poder do dinheiro e no controle dos meios de comunicação.
- Valorização e fortalecimento do **Estado nacional**, a serviço do bem co-

num, com uma opção preferencial pelos pobres e defesa da natureza. Resistência à tendência do mercado internacional de debilitar e, finalmente, substituir os Estados nacionais. Fortalecer o Estado empobrecido, hoje, pelo pagamento da dívida, pelas políticas militaristas, e debilitado pela corrupção das classes dirigentes.


- **Reconstrução da cultura, da educação, da saúde, dos meios de comunicação e da tecnologia**, periférica na lógica do mercado e a serviço da comunidade.
- **Globalização da Esperança e da Solidariedade**, a partir dos excluídos, a partir do Terceiro Mundo, do Sul, permitindo a convergência e articula-

ção de todos os movimentos de resistência e libertação. Reconstrução da paz religiosa mundial, permitindo articular todas as religiões do mundo, especialmente do Terceiro Mundo, em função de uma globalização alternativa, onde seja possível a vida de todos e todas e da natureza.

Todos esses objetivos e tarefas, a médio prazo, tornam possíveis a visibilidade e credibilidade das utopias, e a esperança na reconstrução de uma sociedade alternativa. Tentamos esboçar um quadro global que dê sentido a todas as lutas concretas e parciais de resistência e libertação. A Igreja que faz uma opção preferencial pelos pobres ocupa um lugar fundamental e significativo nesse contexto.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Quais foram as principais mudanças que se deram na situação dos pobres com o sistema de globalização neoliberal, e que consequências decorrem daí para a missão da Igreja e da Vida Religiosa?
2. No contexto da sua comunidade, que significa assumir com coerência a dimensão teológica e espiritual da opção pelos pobres?
3. Sua comunidade está empenhada na busca de alternativas para a atual situação de pobreza e exclusão provocada pelo capitalismo neoliberal? Que passos concretos podem ser dados pela Vida Religiosa nesta linha?

 Pablo Richard - Sacerdote. Teólogo. Licenciado em Sagradas Escrituras. Doutor em sociologia da Religião. Autor de vários livros. Reside na Diocese de San José, Costa Rica.

# Questões Éticas da Vida Consagrada Atual

FREI BERNARDINO LEERS, OFM

O mundo é pequeno ou o mundo é grande? A pergunta não se satisfaz com quilômetros quadrados, horas de vôo, um giro em redor da terra, paradoxalmente uma bola grande demais para o olho humano captar e apenas um pozinho no universo com seus milhares de sistemas solares.

## O MUNDO VIVIDO

Importa o mundo em que os religiosos(as) católicos(as), de fato, vivem sua vida cotidiana, se movimentam no pedacinho da sociedade e no ambiente que freqüentam e são formados e se formam convivendo com outros, membros da comunidade, parentes, amigos, vizinhos, colegas, conhecidos. Sempre é um pequeno mundo vivido de pouca extensão e poucas relações em comparação com os seis bilhões de habitantes da terra e tantas regiões, línguas e culturas que praticamente ignoramos e de tantos acontecimentos de que nem tomamos conhecimento. TV, rádio e revistas podem fornecer fatos do Japão,

Canadá ou Roma. São fatos marginais em nossa vida.

Geralmente os religiosos rodam num mundo pequeno. Uma notícia de um desastre, uma erupção vulcânica, imagens de fome na África ou notícias da Igreja na China, comunicadas pela mídia, talvez provoquem um "Meu Deus", "Minha Nossa" ou "que coisa", mas são apenas reações momentâneas que geralmente somem logo. Relações humanas e acontecimentos dentro da casa em que moram, contatos e encontros com pessoas de fora, no trabalho pastoral, na congregação ou instituição religiosa à qual pertencem, o ambiente



em que circulam, constroem o mundo vivido dos religiosos, enchendo-o com sentimentos, recordações, expectativas, afetos, simpatias e antipatias, amizades, desencontros e indiferentismo burocráticos.

Sob a mansidão atual da obediência, o mundo vivido é de extensão tão

reduzida, que nem inclui os largos círculos de dependência em todas as direções. Geralmente os trabalhos e serviços que o religioso mesmo presta e os contatos com o pessoal da casa, das obras sociais, do colégio ou paróquia são registrados pelos olhos, cabeça e coração.

## O GRANDE MUNDO ECONÔMICO

Na vida cotidiana pouco penetra o fato de que a extensão das dependências humanas é muito grande. Antigos conventos e mosteiros tinham sua própria produção de alimentos, sua própria padaria, rouparia, alfaiataria, até cervejaria ou vinicultura. Hoje em dia, a sociedade é estruturada de modo diferente. Seria até uma meditação útil analisar quanto as pessoas tinham e têm de trabalhar e produzir para sustentar as condições reais de vida dos religiosos. A casa em que moram, os móveis e roupas que têm, seu "pão" de cada dia, seus aparelhos de TV, rádio, discos de música, a luz elétrica, água encanada, a assistência médica, os supermercados freqüentados, carros que saturam o ar que se respira, o computador com Internet, seus livros, jornais e revistas e tanta coisa mais são feitos e fornecidos por um largo "exército" de trabalhadores, funcionários e organizações que ultrapassam as fronteiras do Brasil. Capital de investimentos, técnica, "Know-how" de organizações, meios de comunicação, produtos de consumo são trocas internacionais. Quantas empresas têm suas matrizes

fora do país. Globalização expressa em parte a realidade econômica de produção, comércio e consumo.

Atrás de todos os produtos que os supermercados oferecem, atrás da circulação do dinheiro em bancos, atrás do novo carro, geladeira, televisor ou simples CD's, atrás dos programas de TV e dos artigos de jornais, atrás de qualquer construção, estão sempre pessoas humanas de carne e ossos; suas histórias e experiências. Protegidos sob "guardachuva", os religiosos costumam ter uma vida garantida: casa, cama, mesa, remédio, televisor e rádio, viagens, aposentadoria bem cuidada. Nas instituições religiosas há pessoal especial que cuida das finanças; os outros nem precisam se preocupar. Talvez os religiosos sejam poucos, mas dinheiro há para sustentar bem as várias comunidades.

O vasto mundo econômico do trabalho, consumo e serviços de que religiosos dependem e de que participam não é um arquipélago de ilhas isoladas, mas se compara a uma máquina gigantesca em movimento contínuo. Para a máquina funcionar entram, de um lado, investimentos, matéria-prima, energia e mão-

de-obra e, doutro lado, saem os produtos duráveis ou de consumo, os preços, lucros e salários. Em épocas de crise e recessão, o ritmo de produção diminui, causando desemprego, e não absorve a força de trabalho disponível. A máquina tem o nome de capitalismo neoliberal. O título é bonito, mas milhões de desempregados e suas famílias sentem

os efeitos na carne viva. Ao lado deles, estão 20-30 milhões de excluídos que ficam de fora do processo produtivo, não têm renda suficiente para um mínimo de dignidade humana, cujos direitos de cidadãos existem apenas em papel. Tais números dizem algo à gente de bem, categoria à qual os religiosos costumam pertencer?

## O GRANDE MUNDO POLÍTICO

Nos estados modernos, economia e política formam um casal nem sempre bem equilibrado. A famosa frase, que tudo é política (e quê política!), mas política não é tudo, merece atenção. Na Igreja há vários movimentos pastorais de casais e famílias. Mas para seu bem-estar e equilíbrio, estas células sociais dependem da política real do país. Política de emprego, política de salário, política de educação e ensino, política de saúde, política habitacional. Religiosos geralmente resolvem estes problemas por si mesmos, não conhecem estes problemas e, se não ganham nada pelo seu trabalho, têm a mesa posta todos os dias. Por isso, é tão difícil, compreender a máquina complicada da política econômica, com suas vantagens e seguranças e suas vítimas aos milhões: sem terra, sem casa, sem nome, negações da plena cidadania.

Aqui um contraste interessante se apresenta. Os documentos repetem, que a Igreja não faz política nem tem partido, pois este terreno é do Estado. De fato, na tradição, a separação não é radical. Quantas histórias e estórias há

entre os religiosos de brigas (até homéricas) com prefeitos e líderes políticos? O Estado destina muitas verbas para financiar obras de filantropia e caridade. Mas os caminhos para obtê-las precisavam, muitas vezes, ser trilhados em segredos e "amizades", muitas vezes meio tortas, com pessoas de influência política. A dança em redor da filantropia legal parece não ter terminado ainda. Quais caminhos os religiosos seguem para obter favores em sua posição social privilegiada? E agora uma nova perspectiva se abre: a privatização de obras sociais do governo com a promessa de que as despesas ficarão com os cofres públicos.

Homens e mulheres que consagram sua vida a Deus não se isolam do mundo comum. Ficam dependentes do sistema econômico e da organização política, como realmente funcionam para o bem e para o mal. Continuam cidadãos com carteira de identidade, título de eleitor, endereço domiciliar, número de telefone, talvez de fax e computador, contas bancárias; aproveitam o transporte coletivo e as ofertas especiais do

supermercado; lêem jornais e olham programas de televisão. Por muitos laços comunicam-se com parentes, amigos, colegas que vivem no mundo, como se diz tradicionalmente. Inegavelmente o mundo em que os demais cristãos vivem é diferente da vida no convento, pois conhecem outras preocupações e problemas, de modo que é

difícil para os religiosos compreendê-los e sentir as necessidades e cuidados deles. Sair do mundo ou do século, como diziam os medievais, não coloca a Vida Religiosa de lado, imune aos acontecimentos e peripécias da política econômica global, mesmo se a conscientização desta pertença e dependência é fraca.

## O ESPAÇO DIVINO

Pessoas humanas, também os religiosos, são realidades históricas limitadas em termos de tempo, espaço e energia. O tempo que se gasta com uma ocupação, não serve para outra. No lugar em que alguém está, age, eventualmente telefonando para o outro lado do mundo; mas não está lá; está aqui. Energia e esforço para fazer uma coisa não se deixam gastar em outro projeto ou ação.

Um dos méritos da Teologia da Libertação é que quebrou a pretensa autonomia das questões éticas, como se fossem áreas profanas, independentes da reflexão sobre Deus. O povo cristão simples não precisou de uma volta do sagrado e sempre entendeu que o mundo inteiro e toda vida e atividade se movimentam no espaço divino, de Deus criador, salvador e inspirador dos peregrinos. Nenhum problema moral cai fora deste espaço vital da energia criativa e amorosa de Deus. Pessoas humanas são indivíduos, estão socializadas, em relação com tantas outras e se movimentam na realidade cósmica, à qual pertencem em seu ser e agir. Mas o es-

paço e o tempo em que se realizam é de Deus. Elas se dirigem ao Deus que as espera.

A tentativa da fé cristã de penetrar no mistério da vida interna de Deus, captada na fórmula antiga: um só Deus em três Pessoas corre o risco de precisar do aviso que os apóstolos receberam, quando o Senhor Jesus subiu ao céu. Olhar para o céu para captar ainda um sinal não pode fazer esquecer o chão em que os discípulos pisam e que faz parte de toda a realidade cósmica, terrestre e humana em que Deus continua agindo, provocando, estimulando e fortalecendo. E no espaço dinâmico total de Deus, que também a vida consagrada se processa, colaborando na construção do Reino de Deus, reino de justiça, amor e paz, o qual já começou com a criação dos primeiros seres humanos no Jardim da terra.

O espaço divino, extensão e campo de ação de Deus em sua criatividade generosa é abrangente e totalitário, pois inclui todo o acontecer do universo e, de modo preferencial, todas as atividades humanas. A política real pode ser

suja, ladainha de corrupção, abuso de poder e escândalos, mas se realiza no palco deste espaço. A economia real pode marginalizar milhões de pessoas e ser incapaz de alimentar o povo todo e dar-lhe trabalho e renda suficiente para sustento das famílias ou continuar concentrando as rendas nas mãos de pequena parcela da população. Tanto o jogo político, quanto o sistema econômico são de pessoas que se movimentam, acertam e erram, produzem

bem-estar ou pobreza e miséria no espaço em que Deus opera. A oração ao Pai: *venha a nós o vosso Reino*, inclui a cooperação humana histórica e encontra infelizmente seus obstáculos na fraqueza, malícia e ignorância dos homens. Neste contexto, não há nada de profano, mas há a transitoriedade da figura terrestre deste mundo. Terminado o percurso por esta terra, os peregrinos não discutirão mais nem a política nem a economia.

### RISCOS DA VIDA CONSAGRADA

Uma parábola é uma parábola, uma estorinha em que a imaginação coloca personagens e acontecimentos, tirados geralmente da vida dos ouvintes. Assim o Bom Samaritano é uma figura sugestiva para inspirar as pessoas em sua práxis e espírito de serviço. Na parábola há duas outras figuras que deixam na fantasia a pergunta: o que aconteceu com elas, que passaram por lá, viram a vítima gravemente ferida e seguiram seu caminho sem prestar-lhe nenhuma assistência? Será que o sacerdote se sentia motivado a fazer um belo sermão contra a violência, ou que o levita pensou no serviço da polícia rodoviária e numa ambulância? Tais fantasias gratuitas levam ao problema real e sério: qual é a visão da realidade que está atrás da forma de vida, chamada religiosa ou consagrada.

Vida Religiosa é vida pessoal e comunitária consagrada a Deus. Todavia, religiosos não se restringem ao mistério de Deus em si mesmo; em sua visão,

oração e serviços procuram abranger o espaço divino todo em que a sociedade humana, o planeta terra e o cosmo se movimentam. Os primeiros eremitas entraram no deserto, vestidos da armadura de Deus, para enfrentar os maus espíritos deste mundo em seu próprio habitat. Nos últimos séculos muitas instituições de Vida Religiosa fundaram vastos patrimônios de escolas, hospitais, orfanatos, asilos de idosos, gráficas, obras sociais de todos os tipos a serviço das necessidades humanas dos outros. Nesta evolução histórica, uma tensão constante se manifesta entre pobreza evangélica e o volume de propriedades particulares em que os diretores e empresários são os religiosos mesmos. Mesmo sem querer, a vida consagrada se envolve assim, de um lado, na política real do Estado com problemas de impostos, verbas e privilégios e, doutro, na sociedade presente, classista, duramente capitalista e excludente, produtora de "lixo" humano.

Presos nestas duas redes, os religiosos se posicionam entre cooperação, "neutralidade" e oposição, entre fermento na massa ou sal insípido, entre formação das elites ou serviço de emancipação social, que se ocupa das vítimas do sistema dominante. Porque nem o Estado real nem a sociedade real são a-éticos, mas apresentam a forma atual da famosa "Questão Social" que deu origem à primeira grande encíclica social de Leão XIII e tantos outros documentos. Os cidadãos-religiosos não se podem vestir com a capa da inocência ou ilhar-se no indiferentismo. Como pessoas e instituições, têm seu lugar e posição na sociedade, pertencem a uma classe social, são empregadores ou empregados, proprietários ou pobres, consumidores de tudo o que o supermercado oferece a pagar, poderosos com largo círculo de "amizades" ou humildes desconhecidos. Vida Religiosa não torna ninguém imune às divisões e discriminações sociais nem impede a formação de minifúndios de propriedade, poder, consumo e segurança no meio de uma sociedade humana e desumana, com suas muitas formas de violência e miséria.

Evidente é que a chamada "sociedade de consumo" forma potencialmente uma tentação para a vida consagrada. O religioso é sempre o religioso e seu contexto, hoje em dia é um contexto de abundância de artigos materiais, programas de TV, filmes e notícias via Internet. Este mercado não ruge como um leão, mas é faminto e faz lembrar o aviso de São Pedro, de que é preciso viver sobriamente e vigilantes, de olhos

abertos para o mundo do qual a Vida religiosa participa agora. Sedução houve em toda história humana, desde a "oferta da maçã" a Eva e a Adão. As formas atuais da sedução do mercado são mais refinadas, talvez, e sofisticadas em suaves prestações. A fraqueza e sensibilidade humana continuam, restos do paraíso perdido.

Ao menos em teoria, a vida consagrada roda sempre em redor da pobreza evangélica de deixar tudo e confiar na providência divina. Contudo, também religiosos freqüentam supermercados, shopping centers, trocam carros e geladeiras, compram roupas, sapatos, revistas, jornais e moram geralmente em casas simples e confortáveis. A propaganda comercial é a atração das vitrines penetram quase automaticamente para dentro do mundo pessoal de desejos e necessidades. Os religiosos envelhecem, ficam doentes, e como a medicina, os tratamentos e remédios são caros o jeito é buscar Unimed, Bradesco ou outras garantias; a instituição paga e o "próprio" nem fica sabendo. Contas de compras, água, força e luz, gás, telefone, móveis, aparelhos eletrodomésticos são para a caixa da casa pagar. E o salmista convida a jogar suas preocupações em Deus.

No contexto brasileiro, a crítica contra a tal sociedade de consumo recebe facilmente uma certa tonalidade falsa. Às vezes, ela é feita por pessoas que tiram todas as vantagens desta afluência em sua vida particular. Comida, roupas, carro, viagens, conforto em casa com aparelhos eletrônicos atuais

ficam integrados na vida sem problema. Dá para desenterrar a velha piada de que o livro mais bonito sobre a pobreza foi escrito numa poltrona com um charuto fino na mão e um vinho gostoso ao lado. Dentro desta onda de con-

sumo e de gastar à vontade, a Vida Religiosa, pessoal e comunitária corre o risco de ficar contaminada e salvar apenas a capa protetora da pobreza evangélica. Fazer regime substitui a clássica sobriedade.

## A IGREJA DOS POBRES

Um risco que atinge mais profundamente as formas reais da vida consagrada está na conscientização crescente da Igreja dos pobres. Na vida cotidiana a presença de tantos pobres e miseráveis acusa constantemente a ideologia falsa da sociedade de consumo e da afluência, desmascarando a miragem do sonhado mundo moderno. Numa população de uns cento e sessenta milhões de habitantes, o Brasil tem vinte a trinta milhões de pessoas que, — para usar um terno bonito —, estão subnutridos. O meio continente que o país ocupa não é capaz de alimentar sua população, em comparação com a da China, muito reduzida. Quais são os direitos reais de cidadania que pobres, desempregados, jovens sem futuro têm? Os pobres, marginalizados, excluídos participam realmente da vida e do culto da Igreja católica e se sentem à vontade em suas celebrações?

O contato e a convivência com os pobres são difíceis por causa da distância entre eles e o estilo material de vida dos religiosos. Pobreza evangélica significa um processo de aprendizagem contínua. Um Francisco de Assis, filho de família rica na época, e tantos outros se enfronharam neste processo vivendo

entre os mais pobres, mendigos e presos, captando a mentalidade deles e se acostumando ao pouco de comida e roupa que tinham ainda para sobreviver. Por causa de sua formação religiosa e intelectual, muito religioso se apropriou de uma linguagem que nem comunga mais com o linguajar da gente pobre e simples. Entender o que se passa na cabeça e no coração de um desempregado e sua família, ou de jovens que não arranjam um primeiro emprego, é complicado para um religioso que nunca precisou procurar emprego e come, bebe e se veste bem, apesar de não ganhar um tostão.

Assim, um outro aspecto da vida consagrada começa a transparecer na consciência moral. Há uns cinquenta anos atrás, a silhueta das cidades do interior era horizontal com duas instituições; a igreja católica e o colégio das irmãs ou o seminário dos padres. Resultado de uma longa história, as instituições da vida consagrada são geralmente empresas com propriedades e imóveis. A serviço de suas necessidades e das necessidades do povo, os religiosos construíram residências, instituições de ensino, hospitais, asilos,

orfanatos, obras sociais de vários tipos; adquiriram fazendas e sítios e investiram seu dinheiro em ações e imóveis para garantir sua sobrevivência e a formação de seus vocacionados. A característica de todos estes edifícios, construções e terrenos é quase sempre a mesma: são propriedades da instituição religiosa. O religioso pode levar uma vida bastante pobre e ascética; a empresa é rica, ao menos aos olhos do João Ninguém e Dona Mariquinha, o povo-povão. Religiosos e religiosas têm seus empregados e funcionários, até com carteira assinada e na forma da Consolidação das Leis do Trabalho. Os religiosos mesmos não costumam ser empregados dependentes em empresas que não são suas. Servem e trabalham em suas próprias instituições religiosas ou em organis-

mos que defendem e promovem seus interesses.

Pobres no sentido comum da palavra são pessoas dependentes, de poucos recursos e poucas coisas em casa, se é que têm casa. Vivem do dia-a-dia, lutam para sobreviver, por meio de subemprego e biscate. Muitas vezes cuidam de outras pessoas, a mãe doente, filhos pequenos sem futuro ou garantia. Num país de tantas desigualdades e distâncias sócio-econômicas e culturais, pobreza é marginalização, é se virar de qualquer jeito, sofrer e apanhar, agüentar humilhação, desprezo e discriminações. "Sem-terra" é movimento forte. "Sem-casa" é movimento que está começando a levantar a cabeça. Um movimento organizado de "Sem-nome" ainda se esconde, por agora, dentro da boa vontade em favor da cidadania.

## A AUTONOMIA DAS REALIDADES TERRESTRES

Diante deste quadro que envolve milhões de pessoas, a vida consagrada dos religiosos se torna um paradoxo vivo. Pela pobreza, propriedades materiais se acumulam. Pela castidade, muito sofrimento, muito conflito, briga e separação, verdadeiras tragédias por causa de doença, falta de recurso são poupados e ficam compassivamente sob o título de ouvir falar. Pela obediência crescem a autonomia e a independência e abrem-se perspectivas com que pessoas que ficam "no mundo" apenas sonham. Será que é algo do "cêntuplo aqui na terra", ou um problema ético

sério de sinceridade e autenticidade da vida consagrada?

Também na vida consagrada vale o princípio ético da fé: é para a liberdade que o Senhor Jesus nos libertou. Diante da realidade da caminhada religiosa, esta liberdade forma o horizonte do longo processo de libertação, que só chegará a ser perfeito quando o último inimigo, a morte, estiver vencido. Nesta trajetória existencial, religiosos certamente ficam livres e se libertam de muitas preocupações, obstáculos e desafios que pertencem tantas vezes à vida e ao convívio dos simples mortais. Sua

formação pretende alcançar uma disciplina sóbria de vida, em redor do binômio clássico de rezar e trabalhar no espírito do Evangelho. Sempre repetido, o Pai Nosso com seus pedidos de não cair em tentação e livrar-se do mal demonstra que este processo é missão responsável que permanece em movimento, enquanto há vida humana.

No processo contínuo de crescimento, a libertação de tudo o que atrapalha e impede o progresso está acoplada à libertação para servir ao Deus verdadeiro e fazer dos outros seus próximos, como Jesus formulou na parábola do Bom Samaritano. A vida consagrada é a condição própria dos religiosos de se libertar, por Cristo, de seus defeitos e sombras, de libertar-se para evangelizar os pobres pelo exemplo de sua vida cristã, pela sua dedicação ao Reino de Deus e pelos serviços reais prestados aos outros.

Esta linguagem acadêmica cria um problema sério no contexto real da Igreja dos pobres, vivendo em uma sociedade de classes sociais e de muitas desigualdades. Pela sua formação intelectual e religiosa, pela segurança de em-

prego e sustento em suas próprias "empresas" familiares, os religiosos, geralmente, pertencem à classe média e não fazem parte das massas pobres, de suas lutas pela sobrevivência e de sua insegurança. As condições de vida e, com isso, a mentalidade dos religiosos são favoráveis à comunicação e à convivência com os pobres reais que estão por toda parte? Qual é sua participação na luta emancipatória dos pobres em favor de seus direitos de cidadãos? Filmes e publicações populares criaram e divulgaram os tais ET's, os extra-terrestres. Pode-se afirmar, que os religiosos são extra-terrestres, que vivem mentalmente fora do mundo vivido pelos pobres e excluídos? Circulando com segurança dentro de suas próprias empresas e obras, será que os religiosos se sentem facilmente identificados com tal tipo de "gentinha"? E se eles fossem empregados assalariados e dependentes do mercado de trabalho e de suas vicissitudes, ser-lhes-ia mais fácil construir uma ponte para conviver com as classes marginalizadas e inseguras da sociedade global?

## EMPRESA PÓPRIA OU ALHEIA

A figura do "empregado dependente" é pura loucura, doidice fantasmagórica ou virada de mesa, que joga todo mundo no chão? Talvez não seja tanto. O problema é: como os religiosos, com sua posição de pertencer a empresas familiares prósperas, podem-se comunicar e conviver, nas comunidades locais da Igreja, com os pobres, os peca-

dores e publicanos. A ideologia sobre o "status melhor", o estado melhor dos religiosos, foi absorvida pelo Vaticano II pela vocação universal à santidade. Mas com certa bonomia, aquele estado melhor continua de modo sócio-econômico e cultural em comparação com as multidões dos pobres. Foi dito uma vez, que uma Igreja dominante corre o risco



de tornar-se uma Igreja da classe dominante. Entretanto a tarefa é evangelizar os pobres e ajudá-los em sua libertação plena, começando aqui na terra. Superioridade material e sócio-cultural e falta da experiência de insegurança e de luta pela sobrevivência, que marca a vida dos pobres e excluídos, não são condições favoráveis para a evangelização.

Na visão do Vaticano II, as realidades terrestres são autônomas e suas áreas de ação responsável são ocupadas normalmente pelos leigos. Eles se casam, criam famílias, trabalham no sistema econômico, na construção, nos serviços sociais, na organização política e nos órgãos públicos. Religiosos vivem mais na esfera de "Lumen Gentium", o documento sobre a Igreja, se consagram a Deus e estão à procura do Deus vivo e verdadeiro, enquanto a multidão de leigos funciona mais na esfera da "Gaudium et Spes", a Igreja no mundo, realizando-se na construção da sociedade humana, da justiça e da paz na terra. Historicamente, os religiosos foram pioneiros, muitas vezes, com suas escolas, hospitais, orfanatos, editoras de livros e artigos religiosos, emissoras de rádio e TV. Na atualidade, por falta de vocações, estas obras absorvem muita mão-de-obra leiga. Contudo, a liderança é dos institutos religiosos. Conforme seu beneplácito e critérios, são eles que selecionam, contratam e demitem os leigos, como qualquer empresário. A CLT é melhor observada do que no passado e a lei do voluntariado já é praticada, mas conflitos entre religiosos chefes e leigos empregados não faltam. Esta si-

tução favorece o crescimento do Povo de Deus, das iniciativas dos leigos em suas áreas, e do bem comum da sociedade brasileira?

Solidariedade, fraternidade, unidade não são bandeiras para camuflar pontos de estrangulamento no serviço da Igreja ao progresso do Reino de Deus. Concorrência pode ser estímulo de desenvolvimento, se as posições são mais ou menos iguais e não uma relação de mando e dependência. Religiosos e leigos católicos estão vivendo no quadro global de uma sociedade em que o público e o privado ou particular constantemente se encontram e colidem. A história de Anísio Teixeira e a história do IPREC são passado. Mas o Estado continua a expandir seu poder e controle sobre tudo quanto há de ensino, serviços sociais, obras de religiosos, vida familiar dos leigos e mercado de trabalho. A comunidade da Igreja, porém, tem seus problemas internos em que o Estado não entra ou não entra mais.

A questão ética que surge aqui não é de poder, de investimento, de competência profissional, empresarial ou status social na comunidade eclesial e na figura deste mundo que passa. Acima de toda diversidade de institutos religiosos ou da sobrevivência deles, o problema que se impõe é: quais são o sentido e o serviço específicos da vida consagrada na Igreja e na humanidade? Em vista de uma sociedade que se seculariza cada vez mais em sua linguagem e em sua maneira de viver, a volta do sagrado e a intensificação do testemunho não de transparecer de modo especial nas comunidades religiosas que

já foram apresentadas como especialistas de Deus.

Ética na política, ética e religião no ensino, ética na universidade, ética na empresa são títulos em letras garrafais de jornais atuais. Ética na vida consagrada ativa seria um corpo estranho nesta companhia? A figura de religiosos empregados em empresas lideradas por leigos seria totalmente fora de cogitação e inimaginável? Nos longos anos de formação, os religiosos trabalham, estudam e ganham tudo de graça no Instituto próprio, sem as preocupações comuns dos leigos com emprego, sustento, salário, assistência médica e assim por diante. Esta "mordomia" ajuda realmente a formação do caráter, o amadurecimento e a perseverança? Mosteiros budistas conhecem o Sistema de aceitar rapazes por um ou dois anos, para aprenderem a disciplina de vida de que precisam para se darem bem depois no mundo. Para a vida consagrada na Igreja, os anos de vida transcorridos sem preocupações de ordem econômica não podem ser apenas um trampolim para uma profissionalização suficiente na sociedade de hoje.

A experiência dos padres operários na França foi uma preciosidade, mas terminou por ordem superior. E a Igreja continuou perdendo a classe operária, o que foi uma das grandes preocu-

pações do Papa Leão XIII. É o que está acontecendo no contexto brasileiro com a "classe" dos pobres. Como é possível entender os pobres e conviver em pé de igualdade com eles, sem jamais ter experimentado a dependência dos operários, empregados, com a insegurança de emprego, sustento amanhã e o que fazer quando cair doente ou se tornar inválido? Cristãos conhecem a partilha do pão e da palavra e o abraço da paz. Não ficará mais espaço para partilhar as condições e cuidados de vida de tantos irmãos e irmãs que gastam sua força de trabalho na produtividade de empresas e serviços que não são deles?

Uma pesquisa norte-americana classificou uma vez a Igreja como a empresa melhor organizada do mundo, sem querer ofender a ninguém. Dentro de seus institutos os religiosos fazem parte desta "empresa" abrangente. Mas a Igreja terrestre está a serviço do Reino de Deus, reino de justiça e paz, de solidariedade e partilha, de perdão e fraternidade. Em sua boa vontade, muitos constroem, até sem saber, este Reino. Por que religiosos não podem empregar-se nas empresas deles e colaborar, dependentes nos empreendimentos deles, como tantos católicos leigos fazem? Luz do mundo e sal da terra funcionam em qualquer espaço humano.

### SEM "HAPPY END"

Nos tempos atuais, a sociedade humana da terra foi rotulada de vários nomes: aldeia global, sociedade consumista, sociedade de afluência (para quem

tem), sociedade descartável, crepúsculo dos deuses, sociedade excludente, anarquia de valores, ditadura do dinheiro, mundo explosivo e assim por diante.

Apesar da ideologia de sair do mundo, as comunidades religiosas estão expostas constantemente à edificação e à contaminação com todos os espíritos que vivem e rodam na sociedade comum, pré-moderna, moderna e pós-moderna sem perfil claro. A sabedoria popular sabe que o hábito não faz o monge, mas deixa vivo o humano e o demasiadamente humano do religioso que o veste ou o guarda no armário. Na época das eleições, muitos "santinhos" de candidatos são distribuídos, mas o jogo político real não é santo; tampouco a vida econômica real é santa, penetra nas comunidades religiosas pelas propagandas da cultura do consumo, da televisão, do rádio e de revistas ilustradas.

Nem Regra, nem Constituição, nem estatutos, decretos, normas, proibições garantem a autenticidade dos homens e mulheres de Deus e seu Reino, que o povo devoto e não tão devoto procura encontrar em casas religiosas. São as pessoas, com sua formação virtuosa, que valem mais do que as letras mortas das leis. Deus tem seu ritmo e plano de formar sua imagem com maior ou menor clareza no barro humano dos religiosos, homens e mulheres. Mas esta graça de Deus não se realiza sem a colaboração do religioso que procura seguir o evangelho do Senhor Jesus e o santo operar de seu Espírito. Neste processo, senso de auto-crítica, consistência, fidelidade e sentido de responsabilidade perante Deus, perante os outros e perante a comunidade são metas básicas que serão perfeitas apenas pela morte, ponto final de toda peregrinação terrestre.

Com seu espírito lúdico, Jesus afirmou ao seu público que, antes de tentar tirar um cisco no olho do outro, convinha tirar a trave de seu próprio olho. Aprendiz do carpinteiro José, ele sabia bem, a desproporção entre o olho humano e uma trave usada na construção de uma casa. Mas o aviso serve bem para a situação atual em que muita crítica cristã se dirige contra o consumismo, o comodismo, os abusos de poder, a corrupção, a discriminação social da mulher, do negro, do pobre, do índio, dos milhões de desempregados e excluídos. Será que os próprios críticos estão de mãos limpas e limpos de coração, de onde saem todos os pecados reais?

De propósito, uma discriminação foi deixada fora da lista, porque faltam a atmosfera e o espírito sereno para abordar esse grave problema ético que se apresenta na vida consagrada de hoje. Na cultura brasileira, ainda machista, uma forte discriminação continua contra os homossexuais, mas não tanto contra as lesbianas, talvez porque expressões afetivas entre mulheres em público são mais toleradas. A autoridade de Roma já reconhece, que há homossexuais autênticos de origem e as ciências atuais trabalham firmemente com a hipótese de causa genética. Do outro lado, muitos ainda não enxergam a diferença que há entre os homossexuais por natureza própria e os tradicionais atos sexuais entre pessoas do mesmo gênero, camuflados pelo termo comum de "amizades particulares" e encobertos pelo monopólio universal da natureza humana de homem para mulher e vice-


versa. A descoberta da pessoa, representada pelo termo híbrido grego-latino de homossexual começou a se divulgar desde a segunda parte do século XIX na Inglaterra e o termo heterossexual somente se espalhou na literatura do século passado.

Diante desta novidade, o teólogo moralista se pergunta, porque Deus

criou uma pequena parcela dos homens deste jeito; ou trata-se de um erro da criação? Será que ainda não é hora de colocar o problema sobre a mesa, ou vamos continuar varrendo este problema ético sério para baixo do tapete que não costuma cobrir o chão da casa do pobre? O "kairós", a hora do Senhor Deus já chegou?

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Você concorda com essa afirmação do texto: "Dentro da atual onda de consumo e de gastar à vontade, a Vida Religiosa corre, pessoal e comunitariamente, o risco de ficar contaminada e salvar apenas a capa protetora da pobreza evangélica"?
2. Os pobres, os marginalizados, os excluídos, participam realmente da vida e do culto da Igreja Católica e se sentem à vontade em suas celebrações?
3. As condições de vida e, com isso, a mentalidade dos religiosos/as favorecem a comunicação e a convivência com os pobres reais que estão por toda parte?
4. Qual a participação das comunidades religiosas na luta emancipatória dos pobres, em favor de seus direitos de cidadãos?

 Bernardino Leers - Teólogo da área de Moral.  
Professor de Teologia. Autor de vários livros.

Caixa Postal 16  
35500-970 – Divinópolis- MG

*Com seu espírito lúdico, Jesus afirmou ao seu público que, antes de tentar tirar um cisco no olho do outro, convinha tirar a trave de seu próprio olho. Aprendiz do carpinteiro José, ele sabia bem, a desproporção entre o olho humano e uma trave usada na construção de uma casa. Mas o ateu serve bem para a situação atual em que muita crítica cristã se dirige contra o consumismo, o comodismo, os abusos de poder, a corrupção, a discriminação social da mulher, do negro, do pobre, do índio, dos milhões de desempregados e excluídos. Será que os próprios críticos estão de mãos limpas e limpos de coração, de onde saem todos os pecados reais?*

# O Discipulado Cristão no Processo Formativo da Vida Religiosa

PE. JALDEMIR VITÓRIO, SJ

## INTRODUÇÃO

A opção pela Vida Religiosa (VR) consiste numa forma específica de seguimento de Jesus. É uma dentre as muitas possibilidades de realizar o discipulado cristão. Todos os seus componentes estruturais e organizacionais voltam-se para este objetivo. E só têm valor se se prestam a fazer desabrochar no coração do/a religioso/a sua condição de discípulo/a de Jesus. Este desejo de seguir o Senhor, com generosidade e abnegação, é o sinal distintivo de uma opção bem fundada.

Entretanto, este horizonte fundamental da VR é obnubilado por um sem número de estruturas, normas, práticas e tradições. Afinal de contas, os/as religiosos/as parecem estar a serviço de instituições e de obras, ficando a pessoa de Jesus e as exigências de seu seguimento em segundo plano. Esta corrupção do sentido lança a VR no descrédito e a faz perder o viço evangélico de "sal da terra" e "luz do mundo". A refundação exige o retorno a este tema que está na origem da VR e permeia toda a sua história. Se o olvidamos ou não lhe damos a devida importância, corremos o risco de colocar a VR na contramão de sua razão de ser.

Neste texto, mostraremos como todo o processo formativo da VR visa o discipulado cristão.

*O primeiro* passo consiste em situar a opção pela VR num vasto processo, cujas origens remontam-se ao *humanum*, enquanto tal.

*O segundo* passo reflete sobre a figura do/a mestre/a e a sua missão de ajudar a quem dá os primeiros passos na VR a fazer uma autêntica experiência de discipulado cristão.

*O terceiro* passo está centrado na pessoa de Jesus, nosso único Mestre. Importa aos/as religiosos/as colocar-se na escola dele e aprenderem com ele.

O quarto passo explicita as exigências com as quais os/as religiosos/as se defrontam, hoje, no seu anseio de viver sua condição de discípulos/as.

O quinto passo faz um elenco dos frutos da vivência autêntica do discipulado, benéficos para os variados âmbitos da VR.

Esta reflexão retoma o atual Objetivo Geral e as Linhas Inspiradoras da ação da CRB, no intuito de apontar caminhos de enraizamento de nossa vida de religiosos/as na mística evangélica, com todas as suas conseqüências em termos de presença solidária junto aos pobres e de compromisso de transformação social, em vista do reino.

## 1. A VR COMO PROJETO DE VIVÊNCIA DO DISCIPULADO CRISTÃO

A VR articula-se como dinâmica existencial-espiritual, com etapas bem marcadas. Pouco a pouco, são alcançadas metas de amadurecimento, com patamares sempre mais elevados: o patamar atingido numa etapa torna-se pré-requisito para o passo seguinte.

Esta dinâmica está inserida num âmbito muito mais amplo — às vezes, chamado de processo vocacional — desdobrável em três níveis de profundidade.<sup>1</sup> Também aqui, os níveis se mútuo-implicam: cada novo chamado supõe a obtenção de um grau suficiente de maturidade na vocação anterior.<sup>2</sup>

a) O *nível humano* é o fundamental. Nele a pessoa integra os componentes sociais, psicológicos, afetivos, sexuais, morais, religiosos, intelectuais etc. de sua personalidade. A pessoa humana carece de ser ensinada, desde a

sua mais tenra infância, a respeitar o próximo, a controlar seus impulsos e afetos, a fazer distinções ético-morais, a elaborar uma escala de valores onde a verdade, a honradez, a urbanidade, o senso do direito e da justiça e virtudes afins tenham primazia. Neste nível se aprende o sentido do sagrado e da transcendência, e se desenvolvem as aptidões para a arte, o saber e a cultura. Estes são valores transmitidos, em primeiro lugar, na convivência familiar e no ambiente social. Embora descartando o determinismo social rígido — uma pessoa nascida de uma boa família será um excelente cidadão; pelo contrário, quem cresce em ambiente de pobreza e de violência está fadado a tornar-se um marginal —, é preciso reconhecer a importância da família e do ambiente no processo de humanização dos indivíduos.

1. A designação "processo vocacional" decorre da antropologia de fundo, que considera o ser humano em contínuo diálogo com Deus, no ato de chamá-lo à existência, à fé cristã e à VR.
2. A descrição dos três níveis é de caráter didático. Na vida concreta, um nível assume o outro, sem dá-lo por superado. O cristão continua a ser humano. O/a religioso/a continua a ser humano/a e cristão/ã. Em determinadas circunstâncias, é impossível determinar, com exatidão, os elementos pertencentes a cada nível.

b) O *nível cristão* consiste na vivência do *humanum* segundo o projeto de Jesus, o Filho de Deus (cf. Mt 16,16). Ao aderir a Jesus Cristo, a pessoa escolhe dar à sua vida uma impostação superior ao puramente humano. De fato, a ética cristã não se articula em torno de práticas que só aos/às discípulos/as de Jesus cabe realizar. Os/as cristãos/ãs agem como milhões de não-cristãos. Porém, a originalidade está no sentido dado à sua ação. A existência cristã está sob a égide do Deus revelado por Jesus, com o rosto de Deus Trindade. Os/as cristãos/ãs se reconhecem filhos e filhas de Deus e, por conseguinte, irmãos e irmãs, membros da grande família da qual Deus é pai e mãe. Jesus Cristo — o “*Verbo de Deus que armou a sua tenda no meio de nós*” (Jo 1,14) —, assume a condição de irmão maior. Seu mistério pascal — encarnação, vida, morte e ressurreição — trouxe salvação para a humanidade, transviada nos caminhos do egoísmo e do pecado. O/a cristão/ã reconhece o Espírito Santo como dinamizador de sua existência, movendo-o/a sempre para o bem e para a solidariedade, para a prática da justiça e a busca da reconciliação entre todos os povos. O eixo do agir cristão são as chamadas virtudes teológicas: fé — esperança — caridade (cf. 1Cor 13,13; Cl 3,14). A fé confronta o/a cristão/ã com Deus Trindade e sua misericórdia imensa, inserindo-o/a no diálogo com o Outro e movendo-o/a a sair de si mesmo/a e a ultrapassar os limites intra-históricos das relações humanas. A esperança pro-

jeta-o/a para o futuro e lhe descortina a expectativa da vida eterna de comunhão com o Pai e com os/as irmãos/ãs. A caridade leva-o/a a estabelecer com o próximo relações de fraternidade, fundadas na misericórdia, na justiça, no respeito e no reconhecimento de sua dignidade de filho/a de Deus. A caridade vai além da filantropia e do humanitarismo, por considerar o serviço ao próximo como mediação da experiência do Deus cristão e critério de salvação (cf. Mt 25,40.45).

A vocação cristã funda-se numa opção pessoal pelo Reino de Deus, revelado por Jesus Cristo — “eu creio” —, e seu desdobramento numa vivência eclesial-comunitária — “nós cremos”. O batismo sela a fé do/a cristão/ã e, ao mesmo tempo, insere-o/a na grande comunidade eclesial. Sem expressão eclesial, será difícil considerar o batismo como sacramento cristão. Porém, uma comunidade eclesial, cujos membros passam por cima das implicações éticas de sua fé, poderá receber o nome de comunidade cristã?

c) O *nível da VR* é um desdobramento dos passos anteriores. Ele corresponde à vivência da vida cristã, enquanto modo peculiar de ser humano, como projeto de vida comunitária, fundado num compromisso público e formal pelos votos de pobreza, castidade e obediência. Por eles, o/a religioso/a pertence a uma nova família onde os laços de sangue perdem importância diante do liame espiritual criado entre os/as cristãos/ãs que, com liberdade, escolhem viver em comunidade.

A VR, na multiplicidade de suas expressões, caracteriza-se por suas vertentes carismática e profética. A dimensão carismática provém da ação do Espírito Santo no coração dos/as fundadores/as, movendo-os/as a responder, com iniciativas concretas e originais, aos desafios da Igreja e da sociedade de cada época. Esta experiência fundante torna-se o marco referencial de cada congregação. Será preciso reportar-se a ela sempre de novo, sob pena de incorrer em infidelidade ao Espírito. Também a dimensão profética tem a ver com o momento histórico e o contexto sócio-econômico-eclesial onde surgem as congregações religiosas. Em geral, elas despontam em momentos de infidelidade da Igreja, cooptada por valores anti-evangélicos, em detrimento de sua missão de anunciadora da salvação. Ou, então, em situações onde o povo de Deus sofre injustiça e vive em estado de abandono. Neste contexto, surgiram congregações para cuidar dos doentes, dos menores abandonados, dos marginalizados e das minorias sociais, da educação dos pobres.<sup>3</sup> Os/as religiosos/as são urgidos a manter viva a chama deste profetismo carismático.

Tendo presente o testemunho de Jesus Cristo, assim como nos transmi-

tem os Evangelhos, considerando o carisma fundacional e desejando manter-se fiel à sua vocação profética, cada congregação guia-se por uma espiritualidade peculiar. Os distintos modos de viver no Espírito — espiritualidade — buscam explicitar a vocação evangélica, com ênfase num ou noutra aspecto do evento Jesus, sem perder de vista a globalidade do mistério de salvação levado a cabo pelo Filho de Deus.

A formação na VR visa, em primeiro lugar, aprofundar o conhecimento de Jesus Cristo, mediante o estudo do evangelho e da vivência cotidiana dos valores nele contidos, a fim de tornar sempre mais consistente o discipulado característica dos/as religiosos.<sup>4</sup> O estudo da história, dos documentos, da vida do fundador e de tudo mais ligado à congregação está na dependência do conhecimento de Jesus Cristo. Na falta deste conhecimento fundamental, o conhecimento das coisas da congregação esvazia-se, pois lhe falta o respaldo do referencial obrigatório e a perspectiva adequada para os/as religiosos/as considerarem suas respectivas congregações. O conhecimento de Jesus torna os/as religiosos/as críticos diante de suas congregações, suas práticas e seus ideais.

3. Cf. J. VITÓRIO, "Refundação: Aprendendo da História", in VV.AA., **Tempo de Sinais – Sinais dos Tempos**: Provocações para a Refundação da Vida Religiosa, Rio de Janeiro, CRB, 2000, pp. 15-27.

4. O conhecimento, aqui referido, corresponde ao sugerido por Inácio de Loyola aos exercitantes, como pedido a ser feito ao longo da 2ª semana dos Exercícios Espirituais: "3º preâmbulo. *El 3º, demandar lo que quiero: será aquí demandar conocimiento interno del Señor, que por mí se ha hecho hombre, para que más le ame y le siga*" ("Ejercicios Espirituales", in I. IPARRAGUIRRE (ed.), **Obras Completas de San Ignacio de Loyola**, Madrid, BAC, 1963, p. 221).



E, assim, colabora para não se acomodem e perderem o ânimo e o vigor distintivo dos/as discípulos/as de Jesus.

Um leque enorme de problemas surgidos no interno das congregações advém da admissão de pessoas sem condições de dar o passo da VR. Muitos/as religiosos/as carecem de conteúdos humanos elementares. A bondade, o respeito, a solidariedade, a generosidade e virtudes afins estão fora de seu horizonte. São pessoas incapazes de amar com oblatividade e gratuidade. Por serem desumanizadas, tornam-se desu-

manizadoras. Sabemos tratar-se de pessoas que, no início da formação da personalidade, não foram amadas e não gozaram do afeto materno e paterno. Por outro lado, não poucos/as religiosos/as jamais fizeram a experiência do amor pessoal a Jesus Cristo e estão longe de compreender o real sentido da opção cristã. E, assim, estão impossibilitados/as de vivê-la com autenticidade. Nestes casos, será impossível transformar o processo formativo da VR, como era de se esperar, em crescimento e radicalização do discipulado cristão.<sup>5</sup>

## 2. O/A MESTRE/A NO PROCESSO FORMATIVO PARA O DISCIPULADO CRISTÃO

Na VR, o/a mestre/a tem uma função preponderante no sentido plasmar a personalidade de religioso/a do/a formando/a, como discípulo/a de Jesus Cristo. Sob certo aspecto, cabe-lhe o papel de pai/mãe, no contexto da nova família que acolhe o/a jovem. O/a superior/a e o/a provincial têm um papel distinto do/a mestre/a, nas várias etapas, em relação a quem está em formação, antes da profissão perpétua.

Do/a mestre/a supõe-se suficiente substrato humano para tratar o/a formando/a num clima de respeito e cordialidade, ou seja, com humanidade. Além disso, requer-se ter caminhado

bastante na fé para poder orientar os/as formandos/as no caminho a ser trilhado segundo o modo de proceder de Jesus. De modo algum nos referimos, aqui, a super-homens ou a super-mulheres. Todavia, pessoas com desvios de personalidade, desumanizadas e pouco identificadas com Jesus são inaptas para assumir o papel de mestres/as na VR. Os resultados são desastrosos, quando não se leva em consideração este critério na escolha de um/a/ mestre/a. O contra-testemunho de um/a mestre/a deixa marcas profundas no coração dos/as formandos/as. Mas seria também terrível se o/a mestre/a recorresse à simulação

5. Não estaria aqui a causa do comportamento dos jovens religiosos, que levou Clodovis Boff a escrever suas "considerações indignadas sobre a formação"? (cf. *Convergência* 34 (1999/nº 319) 37-47).

para passar uma falsa imagem de si mesmo/a. Ou se exigisse do/a formando/a o que ele/a mesmo/a não pratica ou não acredita. Se o princípio "faça o que eu digo, não faça o que eu faço!" não vale para nenhum cristão/ã, muito menos, para quem tem a responsabilidade da formação na VR. O Mestre Jesus foi na direção oposta: *"Eu lhes dei o exemplo, para que façam como eu fiz"* (Jo 13,15).

Dos/as mestres/as não se exige serem perfeitos/as. E, sim, o esforço sincero de progredir na vida no Espírito, mesmo conscientes de estarem longe do ideal proposto pelo Mestre Jesus, ao apontar para a perfeição misericordiosa do Pai (cf. Mt 5,48; Lc 6,36).

Embora na VR se conserve a terminologia "mestre" e "mestra" para todas as etapas da formação inicial, urge purificar a semântica destes termos de toda conotação de superioridade cujo risco seria distanciar os/as formadores/as dos/as formandos/as. O sentimento correto de um/a mestre/a é o de um/a irmão/ã maior que, tendo alcançado, com a força do Espírito Santo, um certo grau de maturidade humana e cristã e assimilou os valores da VR coloca-se à disposição dos/das irmãos/ãs nos passos iniciais de sua caminhada na VR. Esta humildade sincera desperta confiança e abertura, bem como, disposição para deixar-se ajudar. Existe quem julgue prejudicial para a formação tal proximidade, pois o/a mestre/a correria o risco de "perder a autoridade" sobre os/as formandos/as. Na raiz desta visão

equivocada, pode estar o medo de os/as formandos/as virem a descobrir as fragilidades de seus/uas formadores/as. Os/as mestres/as precisam ter consciência de, também eles/as, estarem num processo de formação permanente, e terem pela frente um longo caminho para palmilhar. A graça de Deus e o tempo transformam a fraqueza em força e ajudam as pessoas a superar suas limitações.

Existem falsas atitudes a serem superadas pelos/as os/as mestres/as no exercício de sua função. Entre tantas outras, estão: o personalismo — o/a mestre/a cultua a própria personalidade a ponto de não dar espaço para o desenvolvimento da personalidade do/a formando/a; o paternalismo/maternismo — o/a mestre/a tem o/a formando/a na conta de filho/a, muitas vezes, como compensação de seu complexo de paternidade/maternidade<sup>6</sup>; o exemplarismo — o/a mestre/a considera-se na obrigação, quase obsessiva, de dar "bom exemplo" para seus/suas formandos/as, como se, caso não tivesse esta função, preferisse agir de forma diferente; o policialismo — consiste em o/a mestre/a exercer um controle tão rígido sobre a vida do/a formando/a, a ponto de negar-lhe qualquer espaço para a privacidade; o entremetimento — é a atitude de quem, sem a menor cerimônia e sem respeito para com o outro, julga-se no direito de bisbilhotar a vida do/a formando/a, considerada como uma extensão de si mesmo.

6. Mestres/as de mais idade podem se comportar como se fossem avôs/avós dos/as formandos/as.

A estas falsas posturas "ativas" por parte dos/as mestres/as, acrescentam-se as "passivas". Entre tantas, estão: a insegurança, cujo resultado será fazer o/a formando/a duvidar da maturidade psíco-afetiva do/a formador/a e tender a dar pouco valor a suas palavras e ao seu testemunho de vida; o medo de enfrentar as situações difíceis, preferindo-se o caminho da omissão e da fuga, deixando os/as formandos/as à deriva; o complexo de inferioridade, muitas vezes associado à insegurança, pode levar o/a formando/a a forjar uma auto-imagem deturpada, muito superior à realidade.

Entretanto, existem também posturas equivocadas da parte dos/as formandos/as, prejudiciais para quem pretende progredir no discipulado cristão. Entre outras, estão: a autonomia excludente — o/a formando/a considera a presença do/a mestre/a como uma forma de intromissão desnecessária em sua vida, por se julgar capaz de caminhar por si mesmo/a, sem depender de ajuda alheia; as transferências — o/a formando/a confunde o/a mestre/a com a figura paterna ou materna, motivado por fatos negativos no início da formação da personalidade, passando a odiar ou a hostilizar o/a formador/a sem razões objetivas; o igualitarismo — o/a formando/a se coloca em pé-de-igualdade com o/a mestre/a, para quem devem valer as mesmíssimas exigências feitas aos/às formandos/as; a consciência exacerbada da privacidade pessoal e de seus direitos, a ponto de ter na conta de intromissão descabida em seu mundo qualquer abordagem feita pelo/a mestre/a; a ilusão de já ser um/a reli-

gioso/a formado/a, quando ainda está nas etapas iniciais da formação, atitude gerada pela falta de humildade de se colocar a caminho, num processo, às vezes, penoso e de resultados pouco visíveis; o espírito de competição entre formandos/as para ver quem tem o melhor desempenho nas tarefas previstas, e, assim, granjear os louvores do/a mestre/a. Falsas posturas "passivas" acrescentam-se às "ativas". Entre outras: a dependência excessiva do parecer, da opinião, da ordem do/a mestre/a, cuja falta deixa o/a formando/a bloqueado/a; o complexo de inferioridade — o/a formando/a se julga sempre impossibilitado de colocar em prática as propostas da congregação e as exigências da formação, por causa de deficiências e limitações pessoais, e a se considerar o último dos seres humanos; o indiferentismo — o/a formando/a jamais toma posição, pois, para ele/a, "tanto faz" as coisas serem assim ou de outra maneira, não carecendo de avaliação, com a possibilidade de serem criticadas e rejeitadas.

O processo de formação para o discipulado cristão exige dos formadores/as e formandos/as possuírem uma base humana e cristã consistente de modo a poderem assimilar a proposta da VR e vivê-la nas suas variadas dimensões. É mister superar toda sorte de posturas inconvenientes e se deixar trabalhar, com disponibilidade e liberdade, pelo Espírito, cuja ação acontece nas mediações humanas. Formadores/as e formandos/as são todos apelados/as a se lançarem na aventura do Espírito na sua ação de impelir os seres humanos para o caminho perfeito do discipulado do Reino.

### 3. NO DISCIPULADO DE JESUS CRISTO, O ÚNICO MESTRE

Mateus, mas também os demais evangelistas, sublinha na pessoa de Jesus a qualidade de Mestre e orienta seus leitores no sentido de rejeitar qualquer outro mestre fora dele.<sup>7</sup> Mesmo no interno da comunidade, ninguém deve aceitar o título de mestre, pois um só é o Mestre da comunidade, cujos membros são todos irmãos e irmãs (cf. Mt 23,8).

O evangelista põe a comunidade em guarda contra o modelo de discipulado praticado nas escolas rabínicas. Os mestres rabinos gozavam de grande autoridade e da estima do povo.<sup>8</sup> Tinham lugar de destaque nas reuniões sinagogais, ocupavam postos de honra nos banquetes e tinham o direito de usar trajés especiais (Mt 23,5b-7). Com isto,

corriam o risco de se julgarem superiores, tornando-se ativos e orgulhosos, superiores ao comum dos mortais. O orgulho e a soberba levavam-nos a sentir-se senhores dos seus discípulos, gerando relações interpessoais opressoras e humilhantes.<sup>9</sup> Os discípulos eram contaminados por esta mentalidade, perigosa para ambos, mestres e discípulos.<sup>10</sup>

A insistência de Jesus, portanto, tem razão de ser. Se os cristãos se recusam a estabelecer entre si um tipo de relação mestre-discípulo, conscientes de só Jesus ser o Mestre, então, todos se colocarão em pé-de-igualdade, numa relação discipular. Resultam daí relações fraternas e igualitárias no interior da comunidade cristã, ficando as dife-

7. "Na apresentação de Mateus, Jesus é um judeu praticante que, por palavras e exemplo, ensina os outros a observar a vontade e a lei de Deus. Jesus fala como mestre competente... Em seus freqüentes conflitos com outros mestres e autoridades, o Jesus de Mateus faz defesas mais detalhadas e sutis de suas posições do que nos outros evangelhos" (A. J. SALDARINI, *A comunidade judaico-cristã de Mateus*, São Paulo, Paulinas, 2000, p. 288).
8. "Rabi" era palavra honorífica que significava 'mestre' ou 'sábio', até cerca de 200 d.C., quando evoluiu para um termo técnico que designava mestres do judaísmo rabínico. Todavia, com a redação do evangelho de Mateus, talvez se tenha iniciado o processo de associação desta palavra com um grupo específico de líderes e literatos" (J. A. OVERMAN, *Igreja e comunidade em crise - O Evangelho segundo Mateus*, São Paulo, Paulinas, 1999, p. 349).
9. O discípulo devia "seguir um mestre reconhecido sem questionar, dispensar-lhe a mais alta honra possível. Havia regras precisas em relação à conduta do grupo de discípulos, quando caminhando com seu mestre. (Por exemplo, estava descartada a possibilidade de um discípulo caminhar ao lado do mestre.)" (W. F. ALBRIGHT - C. S. MANN, *Matthew*, New York, Doubleday & Co, 1982, p. 279).
10. "A profissão de rabino adquiriu o prestígio mais elevado entre todas as atividades religiosas e humanas entre os hebreus. Também o discípulo do rabino participava da dignidade conferida pela lei a seu mestre. Por conseguinte, um discípulo da Torá era considerado superior a seu pai e, até mesmo, ao sumo sacerdote, mesmo não sendo ainda profundamente instruído na lei" (O. KNOCH, *Uno il vostro maestro - Discepoli e seguaci nel Nuovo Testamento*, Roma, Città Nuova Editrice, 1968, p. 15).

renças relegadas ao nível dos traços pessoais e das tarefas desempenhadas por cada um.

Esta constatação não impede que, na comunidade cristã primitiva, houvesse pessoas encarregadas de exercer o ministério do ensinamento, uma espécie de “escriva cristão” (cf. Mt 13,52). Na comunidade de Mateus, estes são chamados de profetas (cf. Mt 7,22; 10,41).<sup>11</sup> Sem dúvida, quem ingressava na comunidade passava por um processo de catequese (*disdakalia*), onde se aprofundava o núcleo da fé abraçada. O mandato missionário recebido pelos apóstolos implicava em convidar todas as nações para se tornarem discípulas de Jesus (*matheteusate* — cf. Mt 28,16). Os/as novos/as discípulos/as deviam passar por um processo de catequese e se preparar para se tornarem apóstolos. Entretanto, jamais perderiam a sua condição inicial de discípulos do Senhor Jesus, tendo o cuidado de não substituir o Mestre Jesus pelo/a irmão/ã encarregado/a de instruí-lo/a.

A função do/a instrutor/a cristão/ã<sup>12</sup> consistia em apresentar aos/às no-

vos/as discípulos/as, em sua inteireza, as coordenadas do Reino proclamado por Jesus. O aprendizado dava-se na contemplação da vida do Mestre enquanto referencial consumado de vida centrada na vontade de Deus e, por isso, colocada a serviço da humanidade.<sup>13</sup>

O imperativo de Mt 11,29 — “*Aprendam de mim, porque sou manso e humilde de coração*” — é um chamado de atenção para o modo de proceder de Jesus, a quem o discípulo escolheu seguir.<sup>14</sup> O aprendizado pelo qual alguém se torna discípulo/a não acontece pela assimilação de conteúdos teóricos e raciocínios abstratos do/a instrutor/a cristão/ã, e sim, considerando o ministério de Jesus, na sua dupla vertente de anunciador do evangelho do Reino e realizador de gestos poderosos em favor das multidões deixadas ao deus-dará (cf. Mt 4,23; 9,35).

Jesus aponta para duas de suas qualidades, perceptíveis em suas palavras e em suas ações, virtudes a serem imitadas por seus discípulos: a mansidão e a humildade de coração (cf. Mt

11. Para G. BARBAGLIO, os profetas “se caracterizavam pela perspicácia sobrenatural com que sabiam captar os sinais dos tempos e indicar a vontade de Deus nas circunstâncias históricas” (“O Evangelho de Mateus”, in VV.AA., *Os Evangelhos* I, São Paulo, Loyola, 1990, p. 185).
12. Usamos a expressão “instrutor cristão” para aludir àquelas pessoas que, na comunidade cristã, tinham a função de educar os/as irmãos/ãs na fé, ou seja, os catequistas e teólogos. Com isso, aplicamos o vocábulo “Mestre”, no âmbito da comunidade, somente, a Jesus.
13. Este é o sentido do texto de Is 53,4, citado em Mt 8,17, no contexto da apresentação de Jesus como Messias por obras (Mt 8-9).
14. O imperativo “aprendam” seria melhor traduzido como “tornem-se discípulos” (*mathete*). O sentido seria: tornem-se meus discípulos, porque sou manso e humilde de coração; ou, tornem-se meus discípulos, fazendo-se mansos e humildes de coração, como eu. Em ambos os casos, a vida de Jesus serve de referencial prático para o discipulado.

5,3.8). Estas virtudes não são aprendidas à força de argumentação, mas de prática. A atuação missionária de Jesus, Messias e Filho de Deus, é um exemplo fulgurante de amor misericordioso e compassivo para com o próximo, de solidariedade com os pobres da terra, de serviço gratuito e desinteressado aos deserdados deste mundo. Ele não se deixou contaminar pela arrogância orgulhosa de quem escraviza seus semelhantes, convencido de sua superioridade sobre os demais.<sup>15</sup> Para aprender estas virtudes essenciais para o/a discípulo/a, o melhor caminho consiste em contemplar a vida do Mestre Jesus.

O/a instrutor/a cristão/ã, por sua vez, terá a obrigação de mostrar-se modelo no esforço para assimilar os valores que nortearam a vida de Jesus. Todavia, jamais se apresentará como modelo para os discípulos de Jesus, dos quais está encarregado. Jesus mesmo exortou os discípulos a *"serem perfeitos como o Pai celeste é perfeito"* (Mt 5,48). Assim, tanto o/a instrutor/a cristão/ã quanto os/as discípulos/as são convidados a mirar esta meta que, sendo inalcançável, serve de estímulo para se dar sempre novos passos no caminho da perfeição.

O Mestre Jesus apresentou a paridade entre sua vida e seu destino e os de seus discípulos como um objetivo a ser alcançado.<sup>16</sup> Seu princípio era *"basta que o discípulo seja como o seu mestre e ao servo, como o seu senhor"* (Mt 10,25). Na sociedade, a expectativa de superar o mestre funciona como incentivo para o discípulo. Esta superação, longe de humilhar o mestre, é-lhe motivo de glória. No âmbito do discipulado cristão, pelo contrário, o discípulo jamais superará o mestre, nem se tornará mestre. O Mestre Jesus, na sua condição de Filho de Deus, viveu em plenitude a fidelidade e a obediência ao Pai, suportando toda sorte de opróbrio e humilhação, de forma resoluta, até o limite da morte de cruz. Neste sentido, basta ao/à discípulo/a cristão/ã tê-lo como referência na sua disposição de entregar-se, com fidelidade e obediência, nas mãos do Pai. Portanto, quanto mais o/a discípulo/a cristão/a, ao contemplar o Mestre Jesus e procurar seguir-lhe os passos, confiar sem reservas no Pai, tanto mais estará no bom caminho. A tarefa de seu/ua instrutor/a consistirá em levá-lo a aderir, sempre mais, ao modo de vida do Mestre Jesus, enquanto sua figura de instrutor/a relativiza-se diante do Mestre a

15. O texto de Zc 9,9, aplicado a Jesus, no contexto da entrada triunfal em Jerusalém, sublinha sua condição de Messias humilde (cf. Mt 21,5). Jesus estabeleceu a humildade como regra para a convivência na comunidade cristã: *"Quem se exaltar, será humilhado; e quem se humilhar, será exaltado"* (Mt 23,12).

16. "Falseia-se a verdade evangélica quando se pretende afirmar um pólo ('estar com ele') à custa de negar o outro ('assumir sua causa e destino') ou o contrário. Os dois pólos são essenciais, e é indispensável sustentar a tensão que mantém ambos se se quer viver o autêntico seguimento de Jesus" (J. LOIS, "Para una espiritualidad del seguimiento de Jesús", *Sal Terrae* 74 (1986) 49).

quem o discípulo encontra e ao qual adere com radicalidade sempre crescente.<sup>17</sup>

O/a instrutor/a tem a tarefa de apresentar ao/à discípulo/a cristão/ã o evento Jesus, no seu conjunto, sem omitir nem privilegiar nenhum aspecto.<sup>18</sup> A omissão ou o privilégio, neste caso, seriam gravemente danosos para a opção a ser feita pelo/a discípulo/a, induzindo-o/a ao erro. A omissão mais grave consiste em eliminar do evento Jesus a cruz e o sofrimento e os aspectos mais exigentes da ética do Reino, entre eles, o amor aos inimigos (cf. Mt 5,43-47) e o perdão de todo o coração (cf. Mt 18,21-22.35). O discípulo Pedro tentou convencer o Mestre a abolir do seu horizonte o sofrimento e a morte. E censurou-o quando falou que *"devia partir para Jerusalém, onde sofreria muito por parte dos anciãos, dos sumos sacerdotes e dos escribas, e seria morto e, no terceiro dia, ressuscitaria"* (Mt

16,21-22).<sup>19</sup> Com dureza, o Mestre chamou-o de Satanás. De fato, se Jesus desse ouvido às palavras de Pedro acabaria por se desviar do caminho do Pai (cf. Mt 16,23).<sup>20</sup> Sem a cruz, o seguimento fica esvaziado de um elemento essencial. O Mestre Jesus relacionou, de maneira estreita, seguimento e cruz ao afirmar: *"Quem não toma a sua cruz e me segue, não é digno de mim"* (Mt 10,38).<sup>21</sup> Ou, então, *"Se alguém me quiser seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga. Pois aquele que pretender salvar a sua vida, há de perdê-la; e quem perder a sua vida por amor de mim, há de encontrá-la"* (Mt 16,24-25). O vocábulo cruz tem, para o discípulo/a cristão/ã, uma semântica bem precisa. Consiste em colocar-se nas mãos do Pai e entregar-se ao serviço de seu Reino com a disposição de suportar todas as conseqüências daí advindas, inclusive a morte violenta.<sup>22</sup>

17. O testemunho de João Batista, no evangelho, vai nesta linha: *"É preciso que ele cresça e eu diminua"* (Jo 3,30).

18. "A compreensão completa é, para Mateus, um pré-requisito do discipulado e da existência cristã" (J. A. OVERMAN, *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo* – O mundo social da comunidade de Mateus, São Paulo, Loyola, 1997, p. 131).

19. O verbo grego (*epitimáo*), em Mt 16,21, tem o sentido forte de repreender, vituperar, indicando a pretensão do discípulo Pedro de colocar-se à frente e acima do Mestre Jesus. Daí a ordem de Jesus – *"Vá para trás de mim"* (*húpage ópiso mou*) – para Pedro se manter na sua verdadeira condição de discípulo, sem pretender tornar-se mestre do Mestre.

20. Os relatos das tentações, colocados no início do evangelho de Mateus e Lucas, sugerem ao leitor prestar atenção para ver como Jesus foi vítima de contínuas tentações ao longo do seu ministério (cf. Mt 4,1-11; Lc 4,1-13). Marcos faz apenas uma breve alusão às tentações (cf. Mc 1,12-13).

21. Lc 14,27 formula, assim, este versículo mateano: *"Quem não tomar a cruz e não me seguir, não pode ser meu discípulo"*. "Parece que a versão mais antiga e mais original é a de Lucas. Nesta versão vê-se com mais clareza que, na realidade, o que Jesus apresenta, com estas palavras, é uma dupla condição: para ser discípulo de Jesus, é preciso segui-lo; e para poder segui-lo, é preciso carregar a cruz" (J. M. CASTILLO, *El seguimiento de Jesus*, Salamanca, Sígueme, 1986, p.112).

22. Cf. J. M. CASTILLO, *op. cit.*, pp. 109-113.

Quem é levado a privilegiar aspectos do ministério de Jesus, limita-se a seus gestos poderosos — os milagres — e à sua ressurreição, fixando-se na sua divindade em detrimento de sua humanidade. Entretanto, desligados de sua vida concreta, os gestos poderosos e a ressurreição esvaziam-se e perdem a consistência. Os gestos poderosos visavam respaldar o ensinamento de Jesus a respeito do Reino. Por causa dos milagres, os inimigos lançaram suspeitas contra ele, acusando-o de atribuir-se poderes divinos (cf. Mt 9,2-3; 26,65; Jo 5,18). Por sua vez, a ressurreição assume seu verdadeiro sentido quando pensada em conexão com a vida e a morte de Jesus. Ela é a palavra definitiva do Pai, em face da injustiça infligida ao Filho. A cruz desemboca na ressurreição, mas a ressurreição não elimina o escândalo da cruz.

Só quando o/a discípulo/a conhece o evento Jesus na sua totalidade, pode assumir a condição de apóstolo/a e sair pelo mundo para fazer discípulo dele todas as pessoas, sem distinção. Uma leitura atenta do evangelho de Mateus leva-nos a perceber como, em Mt 10 — discurso missionário —, os discípulos são feitos apóstolos, mas só exercerão um efetivo apostolado após a ressurreição — *"Ide..."* (Mt 28,19).<sup>23</sup> Com isto, os apóstolos não correriam o risco de apresentar a seus ouvintes, potenciais discípulos/as de Jesus, uma

proposta fragmentada ou mutilada do projeto cristão. Só depois de terem se defrontado com a vida, a paixão, a morte e a ressurreição do Mestre, estariam em condições de colocar-se a caminho e propor a mensagem cristã a outras pessoas.

No processo formativo de seus discípulos, o Mestre Jesus denunciava uma prática comum de certa tendência do farisaísmo: ensinar uma coisa e fazer outra — *"Façam, pois, e observem tudo o que disserem a vocês, mas não imitem os seus atos, pois eles dizem e não fazem"* (Mt 23,3). Este descompasso entre palavra e ação, ensinar e fazer, teoria e prática é incompatível com a pedagogia cristã. É a hipocrisia! Os/as instrutores/as cristãos/ãs eram, portanto, alertados/as contra esta prática desabonadora da conduta de certos rabis no âmbito da sinagoga, e podia contaminar o exercício do magistério na comunidade cristã. Daí a advertência: *"Cuidado! Acautelem-se do fermento dos fariseus e dos saduceus"* (Mt 16,6; cf. 16,11-12).

O evangelho chama de *"falsos profetas"* aos/às instrutores/as cristãos/ãs hipócritas (Mt 7,15; 24,11.24). A comunidade foi alertada para evitá-los de modo a não cair na armadilha preparada por eles. Seu ensinamento deturpado levaria os discípulos/as bem intencionados/as a se desviar da proposta autêntica do Mestre Jesus e a se enve-

23. Mateus omite a passagem dos evangelhos sinóticos relativas à execução da missão por parte dos discípulos (cf. Mc 6,12; Lc 9,6). Omite, também, o envio dos 72, relatado por Lc 10,1-20, e Mc 9,38-40 e Lc 9,49-50 onde se alude à atuação missionária de alguém, em nome de Jesus, mas sem pertencer ao grupo dos discípulos (cf. Mt 12,30).



redar por um caminho, cujo resultado seria a perdição.<sup>24</sup>

Será autêntico/a instrutor/a cristão/ã quem desenvolver uma ética apurada, cujos eixos são os mesmos que vertebraram a existência de Jesus e o levaram a radicalizar sua fidelidade ao Pai. Assim, o modo de proceder do/a instrutor/a servirá também de inspiração para aqueles a quem serve de guia no processo de discipulado cristão/ã.

Aplicado à VR, estas reflexões ensinam os/as mestres/as a não pretenderem ocupar o lugar devido apenas a Jesus. A relação evangélica com os/as formandos/as articula-se em torno da fraternidade-sororidade.<sup>25</sup> Quanto acontece fora destes limites será abusivo e anti-evangélico. Tanto os/as mestres/as quanto os/as formandos/as são, em última análise, discípulos/as do único Mestre, Jesus Cristo. Cabe-lhes ajudar seus/suas formandos/as a serem discípulos/as sempre mais fiéis.<sup>26</sup> Sem dúvida, exigir-se-á dos/as mestres/as terem feito uma caminhada e progredido no seguimento de Jesus. Neste sentido, mestres/as e formandos/as não podem

estar no mesmo nível. Os anos de vivência na VR são um tempo favorável para se progredir na assimilação do ethos cristão. De um/a professo/a, com muitos anos de VR, por exemplo, espera-se ter atingido um grau de amadurecimento maior que o de um/a juniorista. Esta seria a dinâmica normal! Para isso, existem as várias fases do processo formativo da VR: aspirantado, postulante, noviciado, juniorado, profissão perpétua e o sucessivo processo de formação permanente, cada uma com metas específicas em termos de maturidade. Mas, um/a jovem noviço/a pode já ter atingido um grau de maturidade espiritual superior ao do seu/ua mestre/a. São os mistérios da Graça!

O processo formativo é contínuo. Se o/a mestre/a pretende inculcar um valor não assimilado por ele/a mesmo/a, ou não considerado um autêntico valor, sua pedagogia está fadada ao fracasso. Cada passo da formação na VR supõe um aprofundamento progressivo e efetivo no modo de proceder do Reino e na vivência de seus valores.

24. Mt 24,11.24: "Surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos... Levantar-se-ão falsos cristos e falsos profetas e praticarão grandes sinais e prodígios, para enganarem, se possível fora, os próprios eleitos". O engano consistiria em levá-los a buscar a porta larga e evitar a porta estreita "que leva à vida" (Mt 7,13-14). "Não é improvável que a advertência contra falsos profetas seja uma advertência contra falsos mestres" (A. J. SALDARINI, *op. cit.*, p. 178).

25. O estranho vocábulo "sororidade", do latim "soror" (irmã), é usado em conexão com o vocábulo "fraternidade", do latim "frater" (irmão), para sublinhar a dimensão masculina e feminina das relações interpessoais na VR.

26. Carlos Mesters esboçou, com sua clareza e precisão peculiares, os grandes traços de Jesus, na sua condição de mestre, em "Jesus Formador" (*Convergência* 35/nº 335 (2000) 396-412). B. CHEVALLEY também tratou deste tema, de maneira sistemática, em *La pédagogie de Jésus* - "Mettez-vous à mon école" (Matthieu 11:29), Paris, Desclée, 1992.

#### 4. DESAFIOS DO DISCIPULADO CRISTÃO NA VR

Os tempos atuais apresentam desafios bem precisos em relação à formação para o discipulado cristão na VR. Para enfrentá-los será preciso reportar-se a Jesus, sua vida e seu destino. Seguindo o caminho aberto por ele e praticando os seus ensinamentos, os/as religiosos/as efetivarão, com originalidade, sua condição de "sal da terra", "luz do mundo" e "fermento na massa" à qual todo/a discípulo/a é chamado (cf. Mt 5,13-16; 13,33).

Dentre muitos outros, podemos elencar os seguintes desafios:

- *A recuperação da experiência do Deus Trindade, mistério de comunhão.*<sup>27</sup>

Jesus revelou-nos o rosto do Deus Trindade, em seu mistério de comunhão, como um verdadeiro ideal de vida para a humanidade. Ele se recusou a legitimizar as imagens de Deus veiculadas pelas correntes religiosas de sua época, e ensinou os discípulos a fazerem o mesmo. Embora recordando os grandes feitos de Deus em favor de seu povo, os teólogos transmitiam a imagem de um Deus legalista, incapaz de perdoar e sempre preparado para punir os considerados transgressores da lei (cf. Mt 12,9-14); um Deus cujas leis podiam ser burladas com interpretações de conveniência (cf. Mt 15,3-6); um Deus sem entranhas de misericórdia para com quem errava (cf. Mt 9,11-13); um Deus

indisposto a fechar os olhos para as falhas dos seres humanos (cf. Lc 7,36-50). Jesus passou ao largo deste tipo de religião, pois o Pai, em cujas mãos entregara a vida, não se enquadrava neste esquema teológico. Por isso, manteve-se distante dos ensinamentos das escolas teológicas, recusando-se a identificar-se com alguma delas. As exigências do Pai não cabiam nos limites mesquinhos das exegeses dos mestres da Lei. Estas, por sua vez, pouco serviam para ajudar Jesus a radicalizar o cumprimento da vontade do Pai. Donde a sua recusa em deixar-se imobilizar por tais esquemas, e a instrução a seus discípulos para fazerem o mesmo. O Pai tornava-o livre para a criatividade, para a descoberta de novas formas de ser-lhe agradável, sem a necessidade de apelar para a tradição.

A VR, no processo de discipulado, tem a urgente tarefa de confrontar-se com o "rosto" de Deus, revelado por Jesus, de tantas formas desfigurado por práticas incompatíveis com o desígnio divino. Entretanto, não se trata de uma recuperação por meio de considerações teóricas. Antes, pelo amor misericordioso para com os pobres e marginalizados, os/as religiosos/as revelarão ao mundo o Deus de Jesus Cristo, a quem se confiaram.

- *O aprendizado da recusa resoluta dos ídolos da morte, do mal e do*

27. C. MACCISE repensou as várias dimensões da VR, à luz do Deus Trindade, tendo como pretexto a Declaração Pós-Sinodal *Vita Consecrata*, em "A Vida Religiosa à luz do mistério trinitário", in VV.AA., *Fidelidade Criativa* - Um apelo à vida consagrada, Rio de Janeiro-São Paulo, CRB-Ed.Loyola, 1997, pp.47-56.

pecado.<sup>28</sup> O coração de Jesus esteve imune a todo tipo de idolatria, a começar pela idolatria do próprio eu — a egolatria. Sua disposição clara a recusar o pecado já aparece no relato das tentações, no qual Satanás insiste em levá-lo a romper com o Pai e a centrar sua vida no ter, no poder, no ser (cf. Mt 4,1-11; Lc 4,1-13). Pelo contrário, sua vida foi um constante “fazer o bem”. Este foi o argumento das primitivas comunidades ao fundamentar o anúncio da ressurreição, apelando para a vida irrepreensível de Jesus — “Ele passou fazendo o bem” (At 10,38). Ao ressuscitar os mortos, Jesus batia-se de frente com a morte, para libertar o ser humano de sua tirania (Mt 8,40-41.49-56). Ao curar os possuídos por espíritos impuros, tomava partido em favor do ser humano, não o permitindo permanecer cativo das forças do mal (Mt 5,24; 9,32-33).

O/a religioso/a, no seguimento de Jesus, será igualmente decidido no enfrentamento das forças da morte e do pecado, a começar pelo interno da sua comunidade e de sua congregação, alargando sempre mais o âmbito de sua ação libertadora. O/a religioso/a feito/a discípulo/a jamais cruzará os braços diante de situações que exigem ação imediata. Ele/a fará todo o possível para o Reino ter, deveras, primazia na história humana.

— *A conservação da liberdade num ambiente consumista, hedonista e egoísta, pela rejeição dos fatores de alienação e de escravização.* Jesus colocava os bens deste mundo a serviço de sua missão. Ele relativizava até mesmo as tradições mais sagradas e se recusava a transformá-las em absoluto. O dinheiro tinha seu devido valor, a fim de não se tornar um concorrente de Deus. Partilhá-lo com os pobres era um imperativo (cf. Jo 13,29). No tocante à posse de bens, ele era intransigente com os discípulos (Mt 19,21: “Vai, vende tudo que tens, e dá aos pobres”; 19,27: “E nós que deixamos tudo...?”). Seu anseio consistia em estabelecer uma igualdade econômica entre seus seguidores. Por isso, havia uma bolsa comum para a subsistência da comunidade itinerante (cf. Jo 12,6). Ensinava seus discípulos a não criarem preocupações excessivas com comida e bebida e, sim, a centrarem seus corações na busca do Reino e de sua justiça (cf. Mt 6,19-21.25-34). A Lei não era um absoluto em sua vida, pois prescindia dela quando se tratava de fazer o bem (cf. Mt 12,1-14). O mesmo acontecia com as tradições. Quando percebia se tratar de legalismo vazio, Jesus não insistia com seus discípulos para se submeterem a elas (cf. Mt 15,1-11).

Seria inconveniente o/a religioso/a deduzir dos ensinamentos de Jesus a

28. V. I. BOMBONATTO, comentando o documento pós-sinodal *Vita Consecrata*, percebeu como a fé no Deus Trindade constitui-se num alerta contra toda sorte de idolatria. “A insistência em relação à raiz trinitária do seguimento de Jesus na vida consagrada... é um convite a uma séria reflexão sobre suas conseqüências para a nossa vida e missão numa realidade dominada por fortes apelos a inúmeros deuses e pela constante tentação da idolatria” (“Seguimento de Jesus – Reflexão a partir da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *A Vida Consagrada*”, *Convergência* 31/ n° 298 (1996) 596).

anarquia e o relaxamento. A liberdade do/a cristão/ã funda-se na disposição de fazer, sempre e em tudo, a vontade de Deus e a colocar a defesa da vida e da dignidade humana, em primeiro lugar. Este princípio rege seu agir, mesmo diante das instituições mais veneráveis da congregação e da Igreja. Elas não podem se tornar um empecilho para a consecução da vontade de Deus. Antes, são úteis enquanto mediações daquele objetivo.

- *A assunção da causa dos excluídos e marginalizados, na solidariedade com as vítimas do sistema desumanizador instaurado na nossa história.* A centralidade do Reino na vida de Jesus tornava-o solidário com os marginalizados tanto pela estrutura social quanto pela estrutura religiosa, vítimas de preconceitos, perseguições e desprezo. Ele desenvolveu uma sensibilidade especial para com os pobres, os doentes, as crianças, as mulheres, os estrangeiros, as pessoas mal afamadas, os pecadores, enfim, todos os desumanizados de seu tempo. Ele buscava a convivência com estas categorias sociais, sendo para elas um sinal da misericórdia divina. Sua missão consistia em dedicar-se não aos santos e justos e, sim, aos doentes e pecadores, sem receio da malevolência de seus adversários (cf. Mt 9,10-13).

O discipulado, na VR, levará os/as religiosos/a buscarem a companhia dos deserdados deste mundo. Existe algo de anormal quando a preferência dos/as religiosos/as recai sobre os ricos e os poderosos. A história tem mostrado como, quanto mais as congregações amealham bens e se tornam detentoras de um grande patrimônio, tanto mais os em-

pobrecidos deixam de ser privilegiados por seus membros. Este tipo de atitude corresponde a uma negação tácita da condição de discípulo/a. Tudo na vida deles/as será hipocrisia e exterioridade.

- *A educação para o diálogo leal, respeitoso e tolerante, na contramão do fanatismo e da intransigência.* Na sociedade de Jesus, havia tendências religiosas fanáticas e intolerantes, com as quais se defrontou. Ele as combatia não pelo conteúdo de sua pregação, mas pelas conseqüências de suas doutrinas para os pobres e os pequeninos, as primeiras vítimas da intolerância. Em momento algum, o Mestre pregou a violência contra seus adversários, nem fez artimanhas para enredá-los em alguma armadilha. Ele pregava o amor aos inimigos e a oração pelos perseguidores, como meio de atacar a violência no seu nascedouro (cf. Mt 5,43-47). Até mesmo, a cólera e a ofensa verbal deviam estar fora do trato com o próximo (cf. Mt 5,21-26; 1Ts 5,15). Embora vítima da malevolência de seus opositores, jamais lançou mão de semelhante expediente. Ele encarou de frente o fanatismo intransigente, recusando-se a responder o mal com o mal e a injúria com injúria (cf. Mt 5,38-43).

A vida comunitária oferece aos/às religiosos/as um excelente espaço para o diálogo, o respeito e a tolerância, a começar pelos/as irmãos/ãs de comunidade. Este é o espaço privilegiado para se exercitar na superação da intolerância e da intransigência, tendo em vista a missão. Não só o ecumenismo e o diálogo interreligioso exigem esta postura do/a religioso/a, discípulo/a do Senhor,

mas também o contexto intra-eclesial e as instituições onde atua.

– *O saber esperar contra toda a esperança, mantendo viva a chama da utopia* — A vida do Mestre Jesus educou-o para “esperar para além de toda a esperança” (Rm 4,18). Com o passar do tempo, o horizonte de sua missão tornava-se sempre mais sombrio. Sua pregação não tocava o coração dos “senhores” do sistema religioso e político. Embora sua pregação chegasse a produzir pequenos indícios de implementação do Reino, numa visão mais global, era evidente que a raiz da situação pervertida permanecia intocada. Mas, sua leitura dos fatos na perspectiva do Pai permitia-o superar os horizontes da história e manter acesa em seu coração a esperança de, um dia, o fermento do Reino levedar toda a história (cf. Mt 13,31-33). Esta esperança utópica fazia-o seguir adiante sem se abater, apesar dos fracassos.

Um traço do/a discípulo/a do Reino e, por suposto, do/ religioso/a é a capacidade de alargar seus horizontes, a ponto de o fracasso e as frustrações não determinarem o seu agir.<sup>29</sup> Eles conservam a chama da utopia cristã em meio a reveses, por reconhecerem o Pai

como garante de suas vidas e de sua fidelidade.

– *A redescoberta do profetismo, na sua melhor expressão.* O ministério do Mestre Jesus situava-se na trilha do movimento profético, na sua manifestação mais rica, quando brilharam personagens de enorme grandeza, do porte de Elias, Isaías, Jeremias, Amós, Miquéias. Sua mística, centrada na comunhão com o Pai e na resolução de fazer em tudo sua divina vontade, sua denúncia intemorata da injustiça e da perversão religiosa, seus gestos carregados de simbolismo, sua disposição de fazer prevalecer a vontade do Pai estavam em perfeita correlação com a história dos profetas do passado. O Mestre Jesus era, sob todos os aspectos, um Mestre profeta. O povo o reconhecia como tal (cf. Mt 14,5; 21,11.46). Seu ensinamento visava fazer seus discípulos tornarem-se profetas como ele.

Um/a discípulo/a acomodado/a e passivo/a, religioso/a ou não, é indigno/a do Mestre Jesus.<sup>30</sup> A veia profética da VR torna-se patente no agir dos/as religiosos/as, quando se levantam contra a injustiça e se colocam a serviço dos pequenos e indefesos. Este espaço da vivência do discipulado amplia-se

29. Cf. J. VITÓRIO, *A coragem de fracassar* – A Vida Religiosa aprende com as parábolas evangélicas. Rio de Janeiro: CRB, 1998 (Cadernos da CRB 24).

30. “A vida religiosa é profecia existencial, em que a vida pessoal e comunitária se converte em símbolo da utopia do reino, em parábola viva do seguimento de Jesus em nossa história, em um capítulo da cristologia prática... O perigo constante da vida religiosa ao longo da história é a perda de sua dimensão profética, a acomodação de sua utopia em resignação medíocre da realidade, a perigosa redução da força escatológica à normalidade, a domesticação da profecia a serviço meramente utilitário” (V. CODINA, *Seguir Jesus hoje* – Da modernidade à solidariedade, São Paulo, Paulinas, 1993, pp. 227-229).

na medida em que a injustiça e suas seqüelas de exclusão social, violência e morte, de forma virulenta, contaminam sempre mais o tecido social. O desafio consiste em, como Jesus, não se deixar intimidar pelas proporções assustadoras da injustiça e pelos agentes da opressão.

— *A preparação para o confronto com a cruz e o fracasso, vividos na perspectiva da ressurreição* — Na existência do Mestre Jesus, vida, morte e ressurreição estiveram em perfeita compatibilidade. Esta perspectiva global oferece-nos a chave de interpretação do seu ministério e de seu destino trágico, bem como, do ministério e do destino dos seus/uas discípulos/as.<sup>31</sup> Por um lado, o pano de fundo do evento Jesus é o amor misericordioso do Pai, decidido a abrir para a humanidade as portas da salvação, fechadas pelo pecado; por outro, está a firme decisão de Jesus de fazer-se todo obediente ao Pai, entregando-se sem reservas em suas mãos. O confronto com o fracasso assume, em

sua vida, uma perspectiva muito distinta, por levá-lo a crer que, para além da tragicidade de sua existência, concluída com a morte insensata, reservada aos malditos blasfemos, existe a certeza de o Pai não deixar cair no vazio a entrega sincera e irrevogável de sua vida nas mãos dele. Falar em cruz, omitindo a ressurreição, ou falar em ressurreição, omitindo a cruz, consistirá sempre numa traição da proposta de Jesus. A atitude correta consiste em incluir ambas numa mesma dinâmica, cujo desfecho favorável é garantido pelo Pai.

A cruz "cristã" aparece na vida do/a discípulo/a e dos/as religiosos/as de variadas modalidades, no âmbito do exercício da missão. Ela vai desde o fracasso de determinados planos pastorais, nos quais se empenhou com sinceridade, até o martírio, quando a fidelidade ao Pai exige abrir mão da própria vida. O martírio não pode ser abolido, pelo menos como possibilidade, na vida do/a discípulo/a desejoso/a de manter-se fiel às exigências do Reino.

## 5. FRUTOS DO DISCIPULADO NA VIVÊNCIA DA VR

O esforço de viver com autenticidade o discipulado cristão repercutirá em todos os âmbitos da Vida Religiosa. São repercussões práticas que tornam mais evangélico e saudável o modo de vida dos religiosos/as.

— *A vivência do Evangelho na sua integridade*. A VR surgiu do esforço dos/as fundadores/as de serem fiéis às exigências de Jesus e do evangelho. Mas, no desenrolar da história, não faltaram momentos de infidelidade. O

31. D. BONHOEFFER formula, de maneira radical, este percurso existencial: "Assim como o Cristo somente é Cristo quando sofredor e rejeitado, assim também o discípulo somente é discípulo quando sofredor e rejeitado, crucificado com Cristo. O discipulado como união com a pessoa de Jesus Cristo coloca o discípulo sob a lei de Cristo, ou seja, sob a cruz" (*Discipulado*, São Leopoldo, Ed. Sinodal, 1980, p. 43).

discipulado cristão na VR leva-nos a redescobrir "o evangelho sem glosas", nas pegadas de Francisco de Assis. Mesmo reconhecendo o quanto nos falta para uma prática radical e autêntica das exigências do Reino, anunciado por Jesus, teremos a consciência da sinceridade de nossa busca, sem dar margem para ambigüidades e distorções. O/a religioso/a buscará, então, ser honesto/a para com Deus, como o Mestre Jesus. Só, assim, sua vida será transparência do Mistério o qual é chamado a testemunhar.

- *A vivência da pobreza.* Na origem da VR, estava uma experiência do Absoluto, em quem a vida do/a religioso/a se centra. A prática da pobreza era fundamental para a credibilidade deste gênero de vida. Pouco a pouco, o acúmulo de bens fez das ordens e congregações verdadeiras potências econômicas, capazes de propiciar segurança a seus membros, levando-os a se afastarem dos pobres e a se tornarem gerentes de grandes propriedades, temendo perdê-las.<sup>32</sup> Falando sem meias palavras, a ruptura com a pobreza fez de religiosos/as, assim como de inteiras ordens e congregações, verdadeiros antros de idolatria, onde se cultua um deus incapaz de questioná-los/as e torná-los/as solidários/as com os excluídos deste mundo, e de fazê-los superar o medo de perder o usufruto das benesses propiciadas pela riqueza acumulada. O discipulado cristão, portanto, levará o/a religiosa/a a manter-se em contínuo alerta, para seu coração não

se sentir seguro fora de Deus, segurança garantida por realidades efêmeras (cf. Mt 6,19-20).

- *A vivência da castidade.* O discipulado cristão ajuda o/a religiosa/a a descobrir, na contramão das debochadas deturpações, o sentido evangélico da corporeidade e da sexualidade. Estamos ainda bem próximos do tempo em que, na VR, se cultivava a suspeita e a desvalorização do corpo e da sexualidade. Via-se tudo sob o prisma do proibido, do pecado, do castigo de Deus. Na dinâmica de superação desta postura maniqueísta, não poucas vezes se cai no outro extremo, em que se permite tudo, recusando-se a estabelecer limites quanto ao uso do corpo e à expressão da sexualidade. É o império da permissividade! O resultado desta deturpação é a coisificação do corpo humano e da sexualidade, fator de degradação e de desumanização.

O/a discípulo/a considera a corporeidade e a sexualidade sob o pano de fundo das exigências do Reino. No caso da VR, trata-se de pensar as estruturas essenciais deste estado de vida como mediações para uma vivência sempre mais plena do amor oblativo, onde a pessoa se coloca toda a serviço do outro, no caso, os pequeninos e marginalizados. A vida comunitária torna-se lugar de partilha, de vivência do *ágape* cristão e de reconstituição das forças físicas em vista de um serviço ao Reino, sempre mais radical. Esta ajuda mútua mantém vivo o ideal e a disposição para servir.

32. O Mestre já havia alertado os discípulos a respeito deste apego, ao afirmar: "Onde está o seu tesouro, aí está também o seu coração" (Mt 6,21; cf. Lc 12,20).

- *A vivência da obediência.* O discipulado cristão possibilita aos/às religiosos/as pensar a obediência para além do autoritarismo, dos classismos e das hierarquias. No evangelho, Jesus desarticula os esquemas mundanos ao declarar maior, quem é o menor; grande, quem se faz pequeno; estar em primeiro lugar, quem ocupa o último lugar; senhor, quem escolhe fazer-se servo (cf. Mt 18,4; Mc 10,43-44; Lc 9,48b; 22,24-27). Urge levar em conta esta inversão evangélica de valores na vivência da obediência religiosa. A consciência de sermos todos/as irmãos/ãs possibilita a vivência do voto em termos de busca comum da vontade do Senhor do Reino, na submissão exclusiva ao querer divino. Numa leitura espiritual, o/a superior/a torna-se mediação do querer divino, neste processo de adequação do querer pessoal com a vontade de Deus. A missão confiada ao/à irmão/ã, no final de um processo de discernimento, será resultado de um esforço sincero de despojamento dos programas e interesses pessoais, quando não, das paixões desordenadas do/a superior/a. Esta purificação das motivações torna-se tanto mais necessária quanto mais se é tentado a agir movido/a pelos impulsos, tanto da parte de quem confere a missão (o/a superior/a), quanto da parte de quem a recebe (o/a religioso/a).

O perfeito testemunho de obediência de Jesus ao querer do Pai, tantas vezes sublinhado nos evangelhos, serve de inspiração para quem obedece (cf. Jo 4,34; 5,30; 6,38). Mas, a atitude de quem confere a missão deverá espe-

lhar-se na atitude do Pai ao enviar seu Filho ao mundo com a missão de salvá-lo (cf. Jo 5,37; 6,44; 7,28).

- *A vivência da comunhão eclesial e da missão.* O discipulado do Reino possibilitará ao/à religioso/a ter uma compreensão nova da eclesialidade de sua vocação e de sua missão. O serviço à Igreja e na Igreja será entendido não como puro e simples serviço a uma instituição. E, sim, como mediação e expressão do serviço ao Reino. O Reino tem primazia sobre a instituição eclesial, possibilitando ao/à religioso/a tomar distância crítica em relação ao que, na Igreja, não está de acordo com as exigências do Reino. Por outro lado, movê-lo-á ao esforço para conformar, sempre mais, a instituição eclesial com os valores do Reino. Esta liberdade jamais poderá ser expressão de um espírito anárquico ou de lassidão em relação aos valores reconhecidos pela Tradição. Antes, terá a mesma conotação da liberdade de Jesus, provinda de seu enraizamento no Pai.

- *A vivência da vida comunitária.* A vida comunitária, como expressão do discipulado do Reino, superará a monotonia da execução mecânica de normas preestabelecidas ou a suportação da difícil convivência com os/as irmãos/ãs, com quem não conseguimos nos entrosar. Ela consistirá na busca do amor fraterno-sororal, fundado no perdão reconciliador, na amizade construtiva, na entre-ajuda, na partilha de vida e de missão, na confiança mútua. Este será o fruto da adoração do verdadeiro Deus — o Deus Trindade —, revelado por Jesus Cristo. A fé



leva a reforçar os laços da vida comunitária e a estabelecer um regime de comunhão, no respeito e na solidariedade, entre os membros da comunidade, tendo a Trindade como modelo consumado e referencial. Muitas corrupções da vida comunitária provêm das falsas imagens de Deus cultuadas pelos/as religiosos/as. Assim, a refundação da vida comunitária partirá de uma reforma no nível da fé. Quem faz a experiência do Deus Trindade jamais se recusará a viver em comunhão com seus/uas irmãos/ãs e, com eles/as, partilhar a vida. Jesus viveu assim e ensinou seus discípulos a imitá-lo.

No ministério de Jesus, o gesto do lava-pés aponta para a disposição de quem tem cargo de liderança na comunidade cristã e, *a fortiori*, na comunidade religiosa, mas também entre os membros da comunidade. *"Vocês me chamam de Mestre e Senhor e dizem bem, porque o sou. Se eu, pois, Mestre e Senhor, lavei os pés de vocês, também vocês devem lavar os pés uns dos outros. Dei-lhes o exemplo para que, como eu fiz, vocês o façam igualmente"* (Jo 13,13-15). Esta mística de amor e de comunhão servisais tem sua origem no Deus Trindade que, em Jesus Cristo, se volta todo para a salvação da humanidade.


## À GUIA DE CONCLUSÃO

O mundo da ciência e da tecnologia, em acelerado processo de evolução, o sistema neoliberal e a idolatria do mercado, a preocupação com a ecologia, as diferentes formas de dar sentido à existência humana e tantas outras questões em pauta no mundo moderno necessitam encontrar uma resposta conveniente por parte dos/as discípulos/as do Reino, entre eles, os/as religiosos/as. As posturas extremas merecem ser evitadas. Num extremo, situa-se o entusiasmo ingênuo e indiscreto: o/a religioso/a, em nome da modernidade, apropria-se de tudo quanto o mercado oferece, sem passar pelo crivo da crítica evangélica. No outro extremo,

encontra-se a postura retrógrada e anacrônica de quem super-valoriza a tradição e o passado, resistindo a perceber as possibilidades insuspeitadas postas pelo mundo moderno à sua disposição, e que podem ser colocadas a serviço do Reino. A recomendação do apóstolo Paulo à comunidade de Tessalônica revela-se oportuna para a vivência do discipulado cristão, no contexto atual: *"Experimentai tudo com discernimento e conservai o que é bom"* (1Ts 5,21). O "bom" (*kalós*) para o/a discípulo/a corresponderá ao que mais colabora para o Reino de Deus acontecer na história humana. Afinal, este é o seu supremo anseio!

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Tendo em conta a sua experiência, você crê que a Vida Religiosa atual confere uma centralidade efetiva ao discipulado cristão? Por que isto é importante?
2. Na sua província o tema do discipulado está presente ao longo do processo formativo e penetra as várias dimensões desse processo?
3. Na perspectiva do discipulado cristão, qual é a função do mestre/a? Você crê que as pessoas estão preparadas para esta função?
4. Dos desafios do discipulado cristão que o texto enuncia, quais você considera mais urgentes e mais provocadores no seu contexto? Como se está tentando responder a eles?

 Jaldemir Vitório – Teólogo – Doutor em Teologia Bíblica. Professor de Teologia Bíblica – Membro da ERT da CRB.

Caixa Postal 5047 – CEP 31611-970  
31720-300 – BELO HORIZONTE – MG  
Tel.: (31) 3499-1624 Fax: 3499-1611  
E-mail: vitoriosj@hotmail.com

*Quem é levado a privilegiar aspectos do ministério de Jesus, limita-se a seus gestos poderosos — os milagres — e à sua ressurreição, fixando-se na sua divindade em detrimento de sua humanidade. Entretanto, desligados de sua vida concreta, os gestos poderosos e a ressurreição esvaziam-se e perdem a consistência.*

*Os gestos poderosos visavam respaldar o ensinamento de Jesus a respeito do Reino. Por causa dos milagres, os inimigos lançaram suspeitas contra ele, acusando-o de atribuir-se poderes divinos (cf. Mt 9,2-3; 26,65; Jo 5,18). Por sua vez, a ressurreição assume seu verdadeiro sentido quando pensada em conexão com a vida e a morte de Jesus. Ela é a palavra definitiva do Pai, em face da injustiça infligida ao Filho. A cruz desemboca na ressurreição, mas a ressurreição não elimina o escândalo da cruz.*

# Que Vida Comunitária surgirá da Refundação?

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

## I - UMA PERGUNTA INCÔMODA

O título sugerido para este artigo trouxe-me à memória a conhecida "fábula" das rãs e o pintassilgo, narrada por Rubem Alves em seu livro "*O que é Religião*". Maravilhada com o canto do pássaro que fizera uma breve incursão no escuro poço onde viviam as rãs, perguntava-se inquieta uma delas: que maravilhas existirão mais além dos limites deste pequeno reino onde nos confinamos, capazes de arrancar tão encantadoras melodias deste desconhecido visitante? E a rã inquieta começou a sonhar e a intuir que era possível ultrapassar os limites do seu "pequeno" mundo e trocar o horizonte de sua vida e de suas companheiras.

A narrativa do autor é um vigoroso símbolo. No meio de um processo insuficiente de mudanças e localizada em um contexto de transformações socio-culturais inéditas, a Vida Religiosa é hoje sacudida pelo "canto" do Espírito que a provoca para sair de seus cami-

nhos trilhados e deixar-se recriar pela força deste mesmo Espírito; quer dizer, aceitar o desafio de uma verdadeira refundação.

A pergunta "*que vida comunitária surgirá desde a refundação?*" pode parecer tão incômoda como os "sonhos" da rã inquieta no poço escuro. Não é tarefa muito fácil contestá-la. Entretanto, a questão está levantada, não se pode ignorar. Obviamente, não se trata com isto de adivinhar o futuro nem muito menos de tecer sobre ele elucubrações teóricas estereis, compensatórias das inegáveis frustrações que nossas formas históricas de realizar a comunhão produziram e continuam produzindo. Trata-se melhor de perscrutar os "sinais dos tempos", de prestar atenção ao que está acontecendo em nosso redor, de captar com olhos e coração humildes para onde o Espírito conduz a sua Igreja e a Vida Religiosa neste final de milênio. Nisto reside o nó central da questão.

É um fato conhecido e reconhecido que as pessoas não têm uma visão unívoca da realidade que as rodeia. Pelo contrário, diante de uma só realidade, as pessoas têm percepções diferentes, deixando clara a multiplicidade de possíveis enfoques do real. A pura objetividade não somente é um postulado impossível, como um engano. Pretender apropriar-se totalmente da realidade (coisas, seres e homem) é uma ilusão inconsistente. É próprio das pessoas humanas relacionar-se com singulares idênticos de forma plural. Daí as dificuldades que percebemos na hora de entender sobre coisas, conceitos, inclusive no campo do cotidiano.

A Vida Religiosa não escapa desta “lei” da condição humana. Por isso, a primeira premissa que temos que estabelecer ao tratar do nosso tema é de ordem semântica. Não se pode falar de *refundação*, de *comunidade* sem ter um mínimo de clareza sobre os conceitos, e sobretudo sem estar conscientes de sua inevitável ambivalência (inclusive polivalência) semântica. O que entendem por *refundação*, *comunidade* religiosos e religiosas de diferentes idades? De contextos socioculturais diversificados? De esquemas mentais e horizontes ideológicos desiguais? De vivências e experiências formativas, eclesiástico-institucionais pouco ou nada coincidentes? Essa pluriformidade de enfoques da realidade e dos conceitos subjaz não só no discurso da Vida Religiosa, mas também e talvez mais nitidamente nas práticas e opções de vida.

Tratando de ler interpretativamente os dados de uma investigação realizada recentemente no Brasil, Márcio Fabri vê duas hipóteses de compreensão do conceito de *refundação*. Na primeira tratar-se-ia de um “termo evasivo, significando prioritariamente uma refundamentação com o intuito de dar vigor ao estabelecido”. Em outra hipótese, concebe-se *refundação* como “a síntese de uma preocupação difusa, fruto da intuição de que os novos tempos desafiam a Vida Religiosa a mudanças profundas”, ainda que não se saiba dizer com exatidão em que hão de consistir ditas mudanças e como se irão processando. Neste artigo, obviamente, focalizamos o conceito a partir desta segunda hipótese de compreensão.

No caso do conceito *comunidade*, as percepções e compreensões são ainda mais diversificadas, inclusive contrastantes. No Congresso Internacional de Vida Religiosa, promovido pela USG em Roma, em 1993, foi apresentada uma tipologia de Vida Comunitária, resultado de uma ampla investigação: comunidades equipes de trabalho apostólico; comunidades de vida regular e observante; comunidades fraternas. Certamente, desde a América Latina brotarão, imediatamente, outros tipos de comunidade, sobretudo as comunidades inseridas em meios populares. A partir do Vaticano II, com efeito, muitas e importantes mudanças ocorreram na maneira de conceber e viver a comunidade. Não obstante, continuam existindo comunidades onde se mantêm ainda resquícios

de "modelos" anacrônicos de vida comunitária que desfiguram o ideal evangélico e que precisamente por isso são inaceitáveis. Com efeito, não se pode reduzir a comunidade religiosa a uma banalização do preceito do Senhor: "Amai-vos uns aos outros", diluído na convivência superficial e vazia, numa rede de relações insignificantes e descomprometidas com o outro em sua alteridade e identidade profundas. Não se pode entendê-la também como o espaço da satisfação de carências afetivas crônicas, onde se criam e se retroalimentam laços de dependências mútuas que vedam toda a possibilidade de assumir com maturidade cristã os riscos e as possibilidades da única condição humana. Muito menos ainda se pode considerar a comunidade como a justaposição de pessoas que cumprem horários, normas, costumes, práticas, e executam tarefas com a meticulosa exatidão de "sagrada" rotina; onde se coloca a ênfase na presença física, material, das mesmas pessoas, nos mesmos horários e espaços, nas mesmas atividades, de maneira quase ritual, preservando a "sagrada" observância. Há alguns anos Marcello Azevedo assim escrevia: "comunidades formais, baseadas na justaposição física de pessoas e na coin-

cidência de horários e práticas comuns estão na raiz de uma insana esterilidade de muitas pessoas". Também aqui caberia perguntar: qual a noção de comunidade que atravessa o discurso da Vida Religiosa hoje, e qual a concepção que está sustentando na verdade suas práticas?

A *segunda premissa* é de ordem teológica. No cristianismo, toda a comunidade tem que estar em radical referência ao evento histórico de Jesus de Nazaré e à grande comunidade de seus seguidores. O teste definitivo da comunidade cristã está no permanente e inegociável seguimento de Jesus até a morte. Tudo que se diga sobre a comunidade cristã tem que estar marcado por esta definitiva transversalidade. Não se pode entender uma comunidade cristã como um gueto, uma seita, um fim em si mesma. Portanto, a comunidade religiosa, se quer ser cristã, tem que ser o espaço da comunicação de irmãos e irmãs seguidores de Jesus; tem que ter nítida consciência de que pertence a uma comunidade maior e anterior a ela mesma. Tem que viver da firme convicção de que o ponto de apoio de sua comunhão é a pessoa de Jesus Cristo e seu projeto salvífico libertador, o Reino.

### III – CONSTATAÇÕES DE ORDEM PRÁTICA

Para refletir sobre o futuro da vida comunitária desde a refundação é preciso que tenhamos em conta (ainda que de forma breve e sucinta) o hoje. Isto é, aquilo que chama a atenção hoje, a ponto de ter o caráter de um certo con-

senso. É o que chamamos constatações de ordem prática.

A primeira delas é a convicção mantida ao longo desses anos de busca e transformações de que a comunidade é dimensão constitutiva, valor evangé-

lico inegociável. Isso equivale a dizer: apesar das lacunas, das diferenças, limites e limitações das formas históricas de viver a fraternidade na Vida Religiosa, não se perdeu nem a “fé” nem a “esperança” no futuro da comunidade.

Juntamente com esse consenso básico, constata-se a percepção bastante generalizada da necessidade e urgência de mudanças profundas, de maior flexibilidade nas mudanças. Essa percepção foi crescendo e amadurecendo nas pessoas e comunidades, sob o impacto das transformações socio-culturais no mundo de hoje. Acentua-se a urgência da mudança e a capacidade de ser flexíveis e ágeis diante das mesmas e surpreendentes situações.

Esta consciência da necessidade de mudar articula-se com outro consenso

de igual importância: uma generalizada insatisfação com os “estilos”, “modelos” e formas concretas de viver o ideal evangélico da fraternidade na Vida Religiosa. Passamos de um idílio romântico, típico dos anos 60-70, a um realismo (que em alguns setores assume o tom de certo ceticismo) que não aceita mascarar situações e tensões nem postergar medidas que agilizem a mudança.

Acredita-se na comunidade como valor evangélico constitutivo do seguimento de Jesus na Vida Religiosa, mas não se está disposto a “dar a vida” por “caricaturas” deste ideal evangélico, que já não respondem nem ao Evangelho nem ao momento sociocultural. Mais que isso, não se aceita conviver com essas formas anacrônicas nem com suas pretendidas legitimações.

#### IV – PERSPECTIVAS

Já é hora de que contestemos mais diretamente a pergunta que encabeça este artigo: *Que vida comunitária surgirá desde a refundação?*

Sem a pretensão de dar a chave do futuro nem de apresentar um perfil completo da “nova” comunidade, tentamos oferecer algumas perspectivas que parecem plausíveis, dadas as tendências que marcam o processo das comunidades no novo conceito sociocultural.

Na base, *uma antropologia menos antropocêntrica, mais cósmica e holística*. A ênfase colocada nos últimos anos na subjetividade, na importância e dignidade da pessoa humana, na igualdade fundamental de todos é sem dúvida uma conquista de singular importância

e que é preciso continuar mantendo a todo custo.

Ela propiciou a criação de comunidades religiosas mais humanas e mais sensíveis à alteridade, fundamentadas no respeito à diversidade, mais capazes de diálogo e discernimento, de amizade. Mas o avanço das ciências colocou em evidência a estreita inter-relação da pessoa com o cosmos e a necessidade de uma visão das coisas mais integrada e integradora, mais capaz de unificar, mais holística. Isto não significa renunciar à centralidade da pessoa no projeto de Deus, mas tomar consciência de que “a vida, a matéria, e o espírito, o aqui e o ali estão intimamente interligados. Isso permite então criar uma cosmovi-

são que seja realmente globalizadora, que abrace e compreenda a globalidade, a totalidade”.

Esta nova antropologia permitirá construir comunidades mais integradas e abertas, de horizontes mais amplos; menos crispadas sobre a pessoa e seus desejos de auto-realização; mais preocupadas com “somar” que com “dividir”; mais sintonizadas com o belo, o simples, o humano, o jovial, a natureza e o todo. Comunidades que tratam de se situar não no horizonte da globalização capitalista neoliberal, mas no horizonte da fraternidade universal e da mundialização das relações humanas, onde não caiba a exclusão, qualquer que seja sua origem: social, cultural, étnica, de sexo, de cor da pele.

Como eixo centralizador, *a comunhão*, construída não apesar de, mas precisamente nas diferenças, na pluralidade e na dispersão. Uma forte experiência do Deus-Trindade, do Deus-Amor e relação, alimentada em um vigoroso ritmo de oração pessoal, vivida e expressada na oração compartilhada e na entrega da vida, irá dando consistência e verdade a essa comunhão e tornando possível refazê-la cada dia. A comunidade articulada ao redor desse eixo saberá relativizar o burocrático institucional e o normativo, em favor da coesão de vontades no essencial do carisma e da missão sob a orientação do Espírito. Será indutora de comunhão e testemunha da unidade onde quer que se faça presente através de cada um, cada um dos irmãos e irmãs que a constituem. O sentido e a necessidade de comunidades assim, na sociedade fragmentada, divi-

da e excludente de amanhã, é um desafio ingente que pede permanente escuta ativa da Palavra, audácia evangélica e humilde disposição de recomeçar cada dia.

Como traço característico, uma *forte experiência de diáspora no mundo*. As grandes instituições e obras serão cada vez menos centros nucleadores da comunidade. O número reduzido e a opção por situar-se às margens do poder irão levando religiosos e religiosas a somar-se com homens e mulheres de outras crenças e culturas, decididos a construir justiça e paz, igualdade e amor entre os povos e nações. A comunidade religiosa se fará ouvir nos “novos areópagos” não por seus grandes relatos e seu aparato institucional, mas por sua presença dialogante e por sua capacidade de ser vigorosamente profética e, eventualmente, contra-cultural.

Diversidade de tarefas e forte coesão na única missão de Jesus (assumida pela comunidade congregacional em razão do carisma fundante) exigirão mais agilidade nas decisões, mais confiança nas pessoas e em seus carismas pessoais, mais audácia para correr o risco da unidade na dispersão e na diáspora. Tudo isso poderá levar a uma experiência corporativa (não somente pessoal) de *kenosis*, de despojo e de humilde aceitação da própria vulnerabilidade e contingência. Mas, “se o grão de trigo não morre...”

Como atitude básica, *a solidariedade humana*, sobretudo com os excluídos da sociedade. No mundo atual, sob a hegemonia do sistema capitalista neoliberal excludente, ou as comunidades

religiosas de hoje e de amanhã se somam à grande corrente de solidariedade que se está gerando às margens da sociedade, ou perderão sua força e seu sabor como o sal de que fala Jesus: deixarão de ser sinais proféticos do reino. Para muitos, a solidariedade é hoje o “novo rosto da opção pelos pobres e da parábola do Bom Samaritano, o paradigma e o referencial iniludíveis desta renovada opção.

Por outro lado, a comunidade religiosa efetivamente solidária vive e potencializa este valor evangélico não somente “desde fora” — na sociedade —, mas também na rede das relações intracomunitárias. Em comunidades onde o irmão, a irmã mais próximos jazem à beira do caminho, ou sofrem qualquer tipo de discriminação ou exclusão, a fraternidade está quebrada, e a solidariedade é somente um discurso vazio e estéril.

Como horizonte de compreensão e de vida, o *Reino*, com suas exigências de conversão, de verdade e de justiça. Somente o compromisso com o Reino justifica as opções de radicalidade que a Vida Religiosa supõe, e continuará supondo nesta virada de milênio. Pobreza, castidade e obediência assumidas neste horizonte manterão seu sentido fundamental, mas terão que encontrar formas e meios de se expressar que “revelam” e não “velem” esse sentido fundamental, que façam crível e plausível, nas novas situações históricas, um projeto de vida em radicalidade evangélica.

Ter como horizonte o Reino supõe também a centralidade da pessoa e da missão de Jesus na comunidade, acima e mais além de qualquer outro tipo de

interesses e de preocupações. Assumida nesta perspectiva, a missão levará progressivamente a comunidade religiosa a novas formas de opção pelos pobres — os privilegiados do Reino —, a uma associação lúcida e criativa com pessoas e instituições empenhadas em compromissos de caráter político, social e cultural, questionadores e transformadores do status quo, a um efetivo reconhecimento do papel dos leigos na missão da Igreja e da Vida Religiosa, a uma desclericalização da missão, dos ministérios, da comunidade eclesial e religiosa.

Entretanto, neste horizonte do Reino e da missão, uma questão que certamente se imporá de forma totalmente nova é a questão do “mundo do trabalho” e das relações da Vida Religiosa com este complexo mundo na sociedade pós-moderna. Que mudanças deverá haver na comunidade para se ajustar a esta nova realidade? Que estilo de vida e que modalidades de assumir a missão e a “lei” do trabalho terão que ser criativamente desenvolvidos nas comunidades? Se o mundo do trabalho se irá apresentando cada vez mais estruturado a partir de postulados e de mecanismos tão diferentes, que grau e nível de preparação se exigirão das comunidades para serem presença evangélica e solidária neste mundo? Como possibilitar às pessoas assumir um ritmo de trabalho ( profissional ou não ) que responda a sua condição de “pobres pelo Reino”, sem evadir-se ao que isso supõe de empenho, de seriedade, de fadigas, de insegurança e, por sua vez, viver seus compromissos comunitários de maneira responsável e participativa?



É fácil tomar consciência de que nessas novas circunstâncias haverá maiores possibilidades de responder aos desafios. E portanto terão futuro aquelas comunidades que sejam de fato participativas e dialogantes, respeitosas do diferente, críticas frente às ideologias e aos sistemas, capazes de tomar decisões em verdadeiro discernimento espiritual-comunitário, e compartilhar a fundo experiências de vida, de missão e de fé, profundamente centralizadas na pessoa e na causa de Jesus. Isso supõe uma viva consciência da igualdade fundamental das pessoas e o cultivo do valor evangélico do serviço mútuo, criando e alimentando relações de respeito e acolhida à pluralidade de men-

talidades, de opiniões e maneiras de ser, como Dom do Espírito, para a construção do Reino.

Como razão única de existir, *Jesus e seu Evangelho*, a Boa Nova do Reino. Isto significa para as Comunidades *celebrar*, na Eucaristia e na vida — sem dicotomias nem subterfúgios a “memória” subversiva de Jesus; confessar, com gestos mais que com palavras, a fé em sua pessoa e sua causa — o Reino — ainda quando isso implique no risco de ter que “dar a vida”; anunciar nos “novos areópagos”, na diáspora, no centro e na periferia do mundo globalizado a Boa Nova do Mestre, recriando na história suas práticas libertadoras e sua absoluta fidelidade filial e profunda ao Deus do Reino.

### QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. No contexto da sua comunidade, que concepção de comunidade está subjacente ao discurso da Vida Religiosa, e que concepção sustenta de fato as práticas?
2. Que pensa você a respeito das constatações de ordem prática que faz o artigo? Você está de acordo? Por quê?
3. Que sentimentos produzem em você as perspectivas de futuro? Como você e sua comunidade “sonham” o futuro da Vida Religiosa em termos de comunhão e comunidade?

➡ Maria Carmelita de Freitas - Teóloga. Professora de Teologia. Membro da ERT da CRB.

Rua da Bahia, 1432  
30160-011 BELO HORIZONTE - MG